

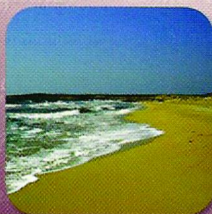
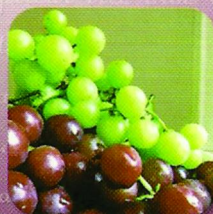
JAZIEL GUERREIRO MARTINS

Como entender
os textos mais polêmicos

da

Bíblia

EVANGELHOS SINÓTICOS



JAZIEL GUERREIRO MARTINS

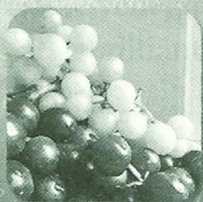
Digitalização: Virtual Books

Como entender
os textos mais polêmicos

da

Bíblia

EVANGELHOS SINÓTICOS



ZIP
SANTOS

Copyright©2011 por
Jaziel Guerreiro Martins

Todos os direitos em Língua
Portuguesa reservados por:
A.D. SANTOS EDITORA
Al. Júlia da Costa, 215
80410-070 – Curitiba – Paraná – Brasil
+ 55 (41) 3207-8585
www.adsantos.com.br
editora@adsantos.com.br

Capa:
PROC DESIGN
Diagramação:
MANOEL MENEZES
Impressão e acabamento:
GRÁFICA BETÂNIA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MARTINS, Jaziel Guerreiro.

Como entender os textos mais polêmicos da Bíblia – Evangelhos Sinóticos /
Jaziel Guerreiro Martins. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2011. 152 páginas
ISBN – 978.85.7459.256-5

1. Hermenêutica Bíblica 2. Estudos Bíblicos

CDD 220

1ª edição: Setembro/2011 – 3.000 exemplares

*Proibida a reprodução total ou parcial,
por quaisquer meios a não ser em citações breves,
com indicação da fonte.*

Edição e Distribuição:



Dedicatória

A Deus Pai – Criador, Sustentador e Governador do universo, fonte e origem de todas as coisas.

A Jesus Cristo – Filho unigênito do Pai, por quem todas as coisas foram criadas, Salvador e Senhor nosso.

Ao Espírito Santo – Consolador, Espírito de verdade, que guia, consola, anima e ensina as verdades eternas do Evangelho.

À minha querida esposa Cleise, grande amor de minha vida, que compartilha de tudo o que há de mais profundo em meu ser.

A Hadassa, Alana, Heyleen e Helyene, meninas preciosas que Deus nos deu para abrilhantar ainda mais as nossas vidas.

Aos amigos e colegas do ministério cristão.

Prefácio

Nas páginas dos evangelhos sinóticos pode-se ler a exposição de verdades espirituais por Jesus através do uso de parábolas, de pregação, de ensinamentos, e até mesmo de curas e milagres. Os evangelistas sinóticos narraram as mensagens e os milagres por Jesus efetuados. Há textos que são fáceis de entender. No entanto, há diversas passagens desses evangelhos que causam polêmica entre os leitores e, quiçá, entre os estudiosos do Novo Testamento.

Este livro é para ajudar o leitor do Novo Testamento a verdadeiramente compreender o significado de alguns textos que são de difícil interpretação. Não há a pretensão de se dizer que todas as interpretações aqui oferecidas reflitam inteiramente a realidade exeqüível do texto sagrado, visto que muitos textos são de difícil interpretação e alguma outra interpretação poderia até ser possível.

No entanto, o autor deste livro empreendeu anos de estudos nos livros sagrados e sempre se preocupou em responder às perguntas difíceis, pois tem sido professor de Teologia há 25 anos. Já se deparou com inúmeros questionamentos feitos por seus alunos, o que sempre proporcionou interesse e curiosidade em entender melhor os textos sagrados.

Este é o primeiro volume de uma série de livros que está para surgir, pois existem muitos outros questionamentos sobre diversas passagens bíblicas. Cada explicação pode bem servir à sua busca por conhecimento bíblico, ao enriquecimento de sua pregação, de seu ensino no grupo de estudo bíblico e, por fim, tornar a mensagem do evangelho ainda mais eficaz, edificando a igreja que recebe as pérolas aqui debatidas. Faça excelente uso desta obra.

Sumário

Introdução	1
1. A data do nascimento de Jesus Cristo.	3
2. A estrela de Belém: que Astro era esse?	17
3. Os magos do oriente: mitos e realidade	31
4. Por que Jesus tratou a estrangeira como um cachorro?	41
5. Jesus conseguiu curar o cego só em etapas?	53
6. Havia um galinheiro na casa de Anás e de Caifás?.	61
7. Por que a genealogia de Jesus é diferente em Mateus e Lucas?.	69
8. Por que o Espírito Santo levou Jesus para ser tentado pelo diabo no deserto?	79
9. O que Jesus quis dizer com o camelo e agulha?	93
10. Como explicar três dias e três noites se Jesus morreu na sexta e ressuscitou no domingo?	109
11. A blasfêmia contra O Espírito Santo	127
Conclusão	141
Bibliografia.	143

Introdução

Muitos estudantes da Bíblia estavam aguardando por uma obra como essa em Língua Portuguesa. Além disso, ministros religiosos e líderes eclesiásticos têm procurado obras que respondam a questões difíceis, e até mesmo consideradas polêmicas, exaradas nos textos da Bíblia. As Sagradas Escrituras possuem um caráter dicotômico¹: sua mensagem de salvação é tão simples, que qualquer ser humano pode compreender; por outro lado, a Bíblia possui textos muito difíceis de serem entendidos e explicados. Por causa dessa lacuna no meio cristão brasileiro é que nasceu COMO ENTENDER OS TEXTOS MAIS POLÊMICOS DA BÍBLIA – Evangelhos Sinóticos, que pretende ser, acima de tudo, um material de consulta para pastores, ministros, líderes da igreja em geral e cristãos que gostam de ler e compreender melhor as Escrituras.

Os Evangelhos Sinóticos possuem uma profunda riqueza ao narrar a vida, a pregação e o ministério de Jesus Cristo, o enviado de Deus para redimir a humanidade. No entanto, verificar-se-á através que existem diversos textos que são de difícil compreensão: qual a data do nascimento de Jesus Cristo? A estrela de Belém: que astro era esse? Quais os mitos e realidades sobre os magos do oriente? Por que Jesus tratou a estrangeira

1 Dicotômico: caráter duplo, ambíguo de algo ou alguém.

como um cachorro? Por que Jesus conseguiu curar o cego só em etapas? Havia mesmo um galinheiro na casa de Anás e de Cai-fás? Que galo era esse que cantou antes de Pedro trair Jesus, se não havia galo naquela região? Por que a genealogia de Jesus é diferente em Mateus e Lucas? Por que o Espírito Santo levou Jesus para ser tentado pelo diabo no deserto? O que Jesus quis dizer com o camelo e agulha? Como explicar três dias e três noites se Jesus morreu na sexta e ressuscitou no domingo? E o que é a blasfêmia contra o Espírito Santo?

Muitas explicações sobre esses temas têm sido oferecidas; entretanto, devemos ter uma mente aberta e pronta para receber informações novas e submetê-las a considerações ponderadas para confirmar ou não a sua veracidade. Nosso objetivo é tratar com coerência esses temas, a fim de apresentar a melhor resposta para o texto e a questão em debate.

A esperança é que você aproveite da leitura desse estudo para conhecer melhor os textos sagrados; as polêmicas que os envolvem, para que cada possa examinar com esmero e mais eficazmente as questões bíblicas que causam dificuldades na interpretação e dúvidas em geral. Que este material venha contribuir grandemente para o fortalecimento do verdadeiro discípulo de Cristo e que inúmeras vidas sejam edificadas, para a glória de Deus.

1.

A DATA DO NASCIMENTO DE JESUS CRISTO





Natal é um feriado comemorado anualmente em 25 de Dezembro nos povos cristãos ocidentais. Nos países eslavos e ortodoxos cujos calendários eram baseados no calendário juliano, o Natal é comemorado no dia 7 de janeiro. O Natal é o centro dos feriados de fim de ano e da temporada de férias, sendo, no Cristianismo, o marco inicial do Ciclo do Natal que dura doze dias. No entanto, a data de comemoração do Natal não é coincidente com o aniversário real de Jesus e foi inicialmente escolhida para se sobrepor a um festival histórico romano que coincidia com o solstício de inverno no Pólo Norte.

A palavra “natal” do português já foi ‘nâtâlis’ no latim, derivada do verbo ‘nâscor’ (nâsceris, nâscî, nâtus sum) que tem o sentido de “nascer”. De ‘nâtâlis’ do latim, evoluíram também ‘natale’ do italiano, ‘noël’ do francês, ‘nadal’ do catalão, ‘natal’ do castelhano, sendo que a palavra ‘natal’ do castelhano tem sido progressivamente substituída por ‘navidad’ como nome do dia religioso. Já a palavra ‘Christmas’ do inglês evoluiu de

‘Christes maesse’ (‘Christ’s mass’) que quer dizer missa de Cristo.

Como adjetivo, a palavra “natal” significa também o local onde ocorreu o nascimento de alguém ou de alguma coisa. Como festa religiosa, o Natal, comemorado no dia 25 de dezembro desde o Século IV pela Igreja ocidental e desde o Século V pela Igreja oriental, celebra o nascimento de Jesus e assim é o seu significado nas línguas neo-latinas. As igrejas ocidentais adotaram o dia 25 de dezembro para o Natal e o dia 6 de janeiro para a Epifania que significa “manifestação”. Nesse dia comemora-se a visita dos Magos. Muitos historiadores localizam a primeira celebração do Natal em Roma, no ano 336 d.C., fazendo alusão ao almanaque romano.

Obviamente, há muito tempo se sabe que o Natal tem raízes pagãs. Por causa de sua origem não-bíblica, no século XVII essa festividade foi proibida na Inglaterra e em algumas colônias americanas. Quem ficasse em casa e não fosse trabalhar no dia de Natal era multado. Mas os velhos costumes logo voltaram, e alguns novos foram acrescentados. O Natal voltou a ser um grande feriado religioso em muitos países. O impacto econômico do Natal é um fator que tem crescido de forma constante ao longo dos últimos séculos em muitas regiões do mundo. Como a troca de presentes e muitos outros aspectos da festa de Natal envolvendo cristãos e não cristãos alavancou um aumento exagerado da atividade econômica em grande parte do mundo, a festa tornou-se um acontecimento significativo e um período chave de vendas para os varejistas e para as empresas.

1.1

Qual o Ano em que Jesus Nasceu?

A data de nascimento de Jesus é muito discutida pelos estudiosos bíblicos. A data foi erroneamente calculada pelo monge Dionísio, o Pequeno, no século VI. Na verdade, Jesus deve ter nascido em 6/7 antes do início da era cristã. Alguns pesquisadores dão muita ênfase à questão da data do nascimento de Jesus, como se houvesse aí problemas sérios, que afetariam as bases do Cristianismo; existiria um erro de cálculo que a Igreja só teria aceito após 1400 anos. Este erro é de menor importância, pois não afeta a mensagem do Evangelho. Os pesquisadores procuraram retificar o cálculo nos últimos séculos. Por conseguinte, tal erro não foi ocultado ao público e foi abordado em obras impressas e divulgadas. Todavia, como se trata de assunto erudito, ligado a documentos gregos e latinos da história do Império Romano antigo, a data do nascimento de Jesus não costuma ser objeto de pregações.

No século VI, Dionysius Exiguus, a serviço do Papa João I, determinou a data de nascimento de Jesus como havendo ocorrido há 532 anos. O ano que se iniciou logo após essa data passou a ser considerado o ano 1 de nossa era (1º Anno Domini Nostri Jesu Christi). Em 525 aproximadamente, esse monge por nome Dionísio, o Pequeno, concebeu a computação do ano do nascimento de Jesus que se tornou definitiva de então por dian-

te. Eis o seu raciocínio: conforme Lucas 3.1, Jesus iniciou a sua vida pública no 15º ano do reino de Tibério César, o que equivaleria ao ano 782 da fundação de Roma. Ora, segundo Lucas 3.23, “Jesus tinha mais ou menos trinta anos quando foi batizado” ou no início da sua pregação. Em consequência, Dionísio descontou de 782 (= ano 15º de Tibério) os 29 anos completos de Jesus e chegou à conclusão de que Jesus nascera no ano de 753 da fundação de Roma. Por isto o ano de 753 ficou sendo o ano 1º da era cristã, ou seja, o ano 1 d.C. Como se vê, este cálculo é assaz sumário e extremamente superficial, não levando em conta todos os elementos fornecidos pelo Evangelho para se estabelecer a data do nascimento de Cristo. A consciência deste erro não aflorou de imediato entre os estudiosos, mas havia de se tornar clara especialmente na época moderna, quando os pesquisadores da história são ciosos de exatidão. A vasta bibliografia posterior sobre o assunto bem mostra que o erro de Dionísio, o Pequeno, era do conhecimento dos cristãos muito antes que a imprensa tratasse do assunto em nossos dias.

Na verdade, o texto mais indicado para se estabelecer a data do nascimento de Cristo é o de Mateus 2.16, onde se lê que Herodes, querendo exterminar Jesus, mandou matar todos os meninos de dois anos para baixo na Judeia. Ora, Herodes morreu no ano de 749/750 de Roma ou no ano 4 a.C., segundo fontes fidedignas; donde se vê que Jesus nasceu antes de 4 a.C. ou entre 4 e 6/7 a.C.

Considerando-se que Jesus nasceu algum tempo antes da morte de Herodes, o Grande, isto coloca-nos, obviamente, numa data anterior ao ano em que Herodes morreu, ou seja, antes do ano 4 a.C. Sabendo-se que este morreu no ano 4 antes de Cristo, então Jesus só pode ter nascido em 6 antes de Cristo ou antes. Segundo a Bíblia, algum tempo antes de morrer, Herodes mandou matar os meninos de Belém até aos 2 anos de idade,

de acordo com o tempo que apareceu a “estrela” aos magos. (Mateus 2.1, 16-19). Era seu desejo livrar-se de um possível novo “rei dos judeus”, pois Herodes era cognominado de “rei dos Judeus”. Como houve aproximadamente de um a dois anos entre o decreto da morte dos infantes e sua morte, o ano do nascimento de Jesus Cristo ficaria provavelmente no ano 7 ou no máximo, no ano 8 a.C.

Outra ajuda que temos para facilitar a localização da data do nascimento de Jesus foi que este ocorreu quando José foi a Belém com sua família para participar do recenseamento. Segundo a Bíblia, antes do nascimento de Jesus, Octávio César Augusto decretou que todos os habitantes do Império fossem se recensear, cada um à sua cidade natal. Isso obrigou José a viajar de Nazaré, na Galileia, até Belém, na Judeia, a fim de registrar-se com Maria, sua esposa. Os romanos obrigaram o recenseamento de todos os povos que lhes eram sujeitos a fim de facilitar a cobrança de impostos, o que se tornou numa valiosa ajuda na localização temporal dos fatos, uma vez que este decreto ocorreu exatamente 4 anos antes da morte de Herodes, ou seja, no ano 8 a.C.

Entretanto, os Judeus tomaram providência no sentido de dificultar qualquer tentativa por parte dos ocupantes romanos em contar o seu povo, pelo que, nas terras judaicas este recenseamento ocorrera um ano depois do restante do império romano, ou seja no ano 7 a.C.. Em Belém, onde Jesus nasceu, o recenseamento ocorreu no oitavo mês, pelo que se concluiu que, Jesus nascera provavelmente no mês de Agosto do ano 7 a.C.

Os Evangelhos não tratam explicitamente da cronologia da natividade de Jesus. Isto se explica pelo fato de que os evangelistas não tinham a intenção de escrever relatos cronísticos ou biográficos (no sentido moderno destes termos); os Evangelhos

são, sim, o eco da pregação dos Apóstolos, os quais se preocupavam mais com a mensagem ou a Boa Nova do que com questões científicas de cronologia.

1.2.

Por que o 25 de dezembro?

Nos relatos bíblicos não encontramos nenhuma referência sobre a data do nascimento de Jesus. Naquela época os calendários eram muito confusos. Os antigos calendários romanos tinham, às vezes, semanas de quinze dias e meses de dez dias, de acordo com a vontade do Imperador reinante. O povo em geral não conhecia as datas de nascimento, casamento ou falecimento. Não existem registros históricos a respeito de “Festas de Aniversário” na Antiguidade.

A pergunta que se faz é a seguinte: por que foi escolhida a data de 25 de dezembro no século IV para se comemorar o nascimento de Jesus, sendo que ela não é a data real do acontecimento? A resposta está no fato de que a Igreja entendeu que devia *cristianizar* as festividades pagãs que os vários povos celebravam na época do solstício de inverno. O dia 25 de dezembro foi adotado para que a data coincidisse com a festividade romana dedicada ao *Natalis Invictis Solis*, ou seja, o “nascimento do deus sol invencível”, que comemorava o solstício de inverno. No mundo romano, era extremamente famosa a Saturnália, festividade em honra ao deus Saturno, comemorada de 17 a 22 de dezembro; era um período de alegria e troca de presentes.

O dia 25 de dezembro era tido também como o do nascimento do misterioso deus persa chamado Mitra, o Sol da Virtude. Assim, a Igreja, em vez de proibir as festividades pagãs, forneceu-lhes um novo significado, e uma linguagem com roupagem cristã. As alusões dos cristãos ao simbolismo de Cristo como “o sol de justiça” (Malaquias 4:2) revelam a fé da Igreja não no “Deus sol invencível”, mas naquele que é Deus eterno, infinito, indizível, indescritível, inimaginável, feito homem para nossa salvação.

Os Celtas, por exemplo, tratavam o Solstício do Inverno, em 25 de dezembro, como um momento extremamente importante em suas vidas. O inverno ia chegar, longas noites de frio, por vezes com poucos gêneros alimentícios e rações para si e para os animais, e não sabiam se ficariam vivos até a próxima estação. Faziam, então, um grande banquete de despedida no dia 25 de dezembro. Seguiam-se 12 dias de festas, terminando no dia 6 de Janeiro. Em Roma, o Solstício do Inverno também era celebrado muitos séculos antes do nascimento de Jesus. Os Romanos o chamavam de Saturnálias (Férias de Inverno), em homenagem a Saturno, o Deus da Agricultura, que permitia o descanso da terra durante o inverno. Em 274 o Imperador Aureliano proclamou o dia 25 de dezembro, como “Dies Natalis Invicti Solis” (O Dia do Nascimento do Sol Inconquistável). O Sol passou a ser venerado. Buscava-se o seu calor que ficava no espaço muito acima do frio do inverno na Terra. O início do inverno passou a ser festejado como o dia do Deus Sol.

Portanto, as evidências confirmam que, num esforço de converter pagãos, os líderes religiosos adotaram a festa que era celebrada pelos romanos, o “nascimento do deus sol invencível” (*Natalis Invictis Solis*), e tentaram fazê-la parecer “cristã”. Para certas correntes místicas como o Gnosticismo, por exemplo, a data é perfeitamente adequada para simbolizar o Natal, por

considerarem que o sol é a morada do Cristo Cósmico. Segundo esse princípio, em tese, o Natal do hemisfério sul deveria ser celebrado em junho. Para nós, habitantes do Hemisfério Sul, há menos razões ainda para se comemorar o Natal no dia 25 de dezembro. Nessa data vivemos os primeiros dias do verão e não do inverno. Porém, herdamos as tradições cristãs que vieram do Hemisfério Norte. Mesmo assim vale celebrar este ato de amor maravilhoso de Deus: Jesus veio ao mundo e inaugurou uma nova vida entre nós. Esse é o motivo da nossa festa. Vamos juntos, povos do norte e do sul, celebrar e festejar o Natal de Cristo, a chegada do amor de Deus ao mundo!

Um detalhe importantíssimo sobre essa questão é que a Bíblia diz que os pastores estavam nos campos cuidando das ovelhas na noite em que Jesus nasceu. O mês judaico de Kislev, correspondente aproximadamente à segunda metade de novembro e primeira metade de dezembro no calendário gregoriano era um mês frio e chuvoso. O mês seguinte é Tevet, em que ocorrem as temperaturas mais baixas do ano, com nevadas ocasionais nos planaltos. Isto é confirmado pelos profetas Esdras e Jeremias que afirmavam não ser possível ficar de pé do lado de fora devido ao frio. Esse é o período referente ao final de dezembro e começo de janeiro.

Entretanto, o evangelista Lucas afirmou que havia pastores vivendo ao ar livre e mantendo vigias sobre os rebanhos à noite, perto do local onde Jesus nasceu. Como estes fatos seriam impossíveis para um período em que seria impossível ficar de pé ao lado de fora em função do frio, logo Jesus não poderia ter nascido no dia em que o Natal é celebrado, e sim na primavera ou no verão. Por isso, a maioria dos estudiosos consideram que Jesus não nasceu dia 25 de dezembro, a menos que a passagem de Lucas que narra o nascimento de Jesus tenha sido escrita em linguagem alegórica.

Além disso, o inverno seria um tempo especialmente difícil para Maria viajar grávida pelo longo caminho de Nazaré a Belém. A viagem de Nazaré a Belém – distância de uns 150 km – deveria ter sido muito cansativa para Maria que estava em adiantado estado de gravidez. Enquanto estavam em Belém, Maria teve o seu filho primogênito. Envolveu-o em faixas de panos e o deitou em uma manjedoura, porque não havia lugar disponível para eles no alojamento, isto é, não havia divisões disponíveis na casa que os hospedava; Maria necessitava de um local tranquilo e isolado para o parto (Lucas 2.4-8). Lucas diz que no dia do nascimento de Jesus, os pastores estavam no campo guardando seus rebanhos “durante as vigílias da noite”. Os rebanhos saíam para os campos normalmente em Abril ou Maio e eram recolhidos em Outubro. A vaca e o jumento junto da manjedoura conforme representado nos presépios, resulta de uma simbologia alegórica inspirada em Isaías 1.3 que diz: “O boi conhece o seu possuidor, e o jumento a manjedoura do seu dono; mas Israel não têm conhecimento, o meu povo não entende”. Entretanto, não há nenhuma informação fidedigna que prove que havia animais junto do recém-nascido Jesus. Eles estavam fora, nas montanhas, com os pastores. A menção de “um boi e de um jumento na gruta” não é bíblica e deve-se a alguns textos apócrifos, ou seja, livros escritos sobre Jesus, mas que não pertencem à Bíblia.

Outros fatos também ajudam a estimar uma data mais exata. Conforme é relatado pelos textos bíblicos. No dia seguinte ao nascimento de Jesus, José fez o recenseamento da sua família, e um dia depois, Maria enviou uma mensagem a Isabel relatando o acontecimento. A apresentação dos bebês no templo, bem como a purificação das mulheres, teria de ocorrer até aos vinte e um dias após o parto. Jesus foi apresentado no tempo de Zacarias, e, segundo os registos locais, isso ocorreu no

mês de Setembro num sábado. Sabe-se que Setembro do ano 7 a.C. teve quatro sábados: 4, 11, 18, 25. Como os censos em Belém ocorreram entre 10 e 24 de Agosto, o sábado mais provável de apresentação seria o 11 de Setembro. Logo, Jesus teria nascido em 21 de Agosto ou algum dia logo de depois de 21 de Agosto do ano 7 a.C.

Visto que os Evangelhos não indicam o exato dia do mês em que Jesus nasceu, os cristãos tiveram que escolher eles mesmos a data mais oportuna para celebrar o seu nascimento. A escolha recaiu sobre o dia 25 de dezembro, já consagrado na vida do Império Romano pela “festividade do Natal do Sol invicto”. Com efeito: os adoradores do deus Sol (identificado, em vários lugares, com o Deus Mitra) celebravam naquela data o novo surto do Sol ou o alongamento dos dias após o declínio da luz solar no outono e no início do inverno (europeu). No século V, Agostinho explicava o costume já vigente, dizendo que os cristãos festejavam este dia solene não como os pagãos que estavam voltados para este Sol, mas voltados para aquele que fez este Sol.

Assim, os cristãos quiseram “cristianizar” um dia festivo do calendário pagão que apresentava certa afinidade com a celebração do nascimento de Jesus, que disse: “Eu sou a luz do mundo” (João 8.12). Seria falso julgar que a festa cristã tem sua origem na mitologia pagã; as suas raízes estão na própria mensagem evangélica; apenas a escolha da data teve inspiração no calendário dos romanos, pois Jesus Cristo é na verdade a Luz que os pagãos cultuavam voltados para o astro-sol.

Aqui se põe ainda uma outra pergunta: por que o Natal de Cristo tem data fixa, ao passo que a celebração da morte e ressurreição de Jesus é móvel de ano para ano? A resposta está no fato de que a festa da Páscoa tem seu calendário indicado pela

própria Bíblia, ao passo que o Natal não (como vimos). Com efeito, o texto de Êxodo 12.1-14 determina que a Páscoa seja celebrada por ocasião da primeira Lua cheia após o equinócio da primavera (após 21/03); por conseguinte, a festa de Páscoa se prende ao ciclo da Lua, que não é o ciclo dos meses do nosso ano solar. Apenas é de notar que os cristãos, embora sigam basicamente a contagem prescrita em Êxodo 12, esperam sempre o domingo após a Lua cheia para celebrar a Páscoa, pois querem reproduzir a sequência dos dias da semana, na qual Jesus morreu e ressuscitou, conforme os Evangelhos sinóticos.

2.

A ESTRELA DE
BELÉM:
QUE ASTRO ERA
ESSE?



Após o nascimento de Jesus em Belém, ainda governava a Judeéia o Rei Herodes. Segundo a descrição do Evangelho de Mateus, chegaram “do Oriente à Jerusalém uns magos guiados por uma “estrela” ou um objeto muito estranho e supramente controverso entre os estudiosos do Novo Testamento que teria anunciado o nascimento de Jesus e guiado os “magos” ao lugar onde este se encontrava. A natureza real da Estrela de Belém tem sido alvo de discussão entre os biblistas. Essa história vem sendo contada há dois mil anos e hoje é uma das imagens mais marcantes da Festa de Natal entre os cristãos. No entanto, temos condições de saber o que de fato os Magos do Oriente viram?

Os milagres são um método do governo de Deus, sendo eles acontecimentos palpáveis aos sentidos, produzidos com um propósito espiritual, pela intervenção mediata ou imediata de Deus. Um milagre pode ser chamado “imediato” quando Deus não utiliza nenhuma força presente na natureza para a realização do mesmo. Este é o caso da criação do mundo que foi feito a

partir do nada, e a grande maioria dos milagres realizados por Jesus. Milagre “mediato” é quando Deus usa forças que estão presentes na natureza para a realização do milagre, mas nesse caso Ele utiliza as forças da natureza inteiramente oposta ou diversa da ordinária, produzindo resultados inesperados pelo homem; e, é justamente isso que constitui o milagre. O milagre da transformação da água em vinho e da multiplicação dos pães e peixes podem se encaixar dentro desta definição.

Em relação à “estrela de Belém”, foi um astro luminoso que foi criado do nada para o entendimento dos magos ou Deus usou algo hoje explicado pela astronomia, mas totalmente inexplicável para a época? Que coisa estranha e deslumbrante apareceu assim no céu? Seria mesmo deslumbrante a todo cidadão comum ou somente os magos, uma espécie de estudantes dos astros, perceberam esse sinal? Conforme o relato bíblico parece que somente os magos viram e entenderam o Sinal que aparecera. Há, portanto, duas formas de explicar o acontecimento: seria um astro extremamente luminoso, criado no céu diretamente por Deus, portanto, um milagre do tipo imediato. Entretanto, pode ter isso um milagre imediato em que Deus usou questões astronômicas para revelar aos estudiosos do Oriente o nascimento do grande Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. Vejamos algumas explicações dadas pelos historiadores cristãos:

2.1

Um Cometa, Talvez o de Halley?

A primeira explicação astronômica que se procurou dar para a “Estrela de Belém” foi que ela teria sido um cometa. Essa imagem ainda é muito forte no imaginário popular; onde frequentemente a “Estrela de Belém” é representada como uma “estrela com cauda”. Cometas possuem “caudas” que parecem apontar para algum lugar.

Dependendo de onde vemos o cometa, temos a impressão que ele está apontando para esse ou aquele ponto do horizonte. Visto do local adequado o “Cometa – Estrela de Belém” daria a impressão de estar apontando para Belém. Além disso, cometas aparecem, desaparecem por algum tempo (quando passam próximo do Sol) e reaparecem; isso em períodos de alguns meses, compatíveis com o tempo suposto da viagem dos magos.

Mas, o que são Cometas? Eles são “pedras de gelo sujo” que gravitam em torno do Sol em órbitas elípticas muito “achata-das”; o que faz com que eles se aproximem e se distanciem periodicamente do Sol e conseqüentemente da Terra uma vez que, em termos de Sistema Solar, nosso planeta fica próximo do Sol. Essas pedras de “gelo sujo” são formadas por uma mistura de elementos voláteis, pedras, grãos de poeira dos tamanhos os mais variados e assim por diante.

Quando se aproxima do Sol, parte desse material se volatiliza liberando pedras e grãos de poeira que estavam presos ao

gelo. Inicialmente esse material que se desprende do núcleo do cometa (a pedra de gelo sujo) fica gravitando em torno do núcleo, formando uma “nuvem” de gás e poeira que chamamos de “cabeleira”. Parte desse material vai ser “empurrado” pelo vento solar no sentido contrário ao que o Sol se encontra, formando a “cauda” do cometa. Os cometas sempre “apontam” para o Sol. Vendo um cometa no céu, temos a impressão que ele está “apontando” para um ponto da linha do horizonte que fica entre o cometa e o Sol.

Se a “Estrela de Belém” foi um cometa, qual cometa teria sido? Um cometa sempre volta em períodos regulares. Quantas vezes mais o “Cometa – Estrela de Belém” teria se aproximado do Sol, depois da época do nascimento de Jesus? Seria ele um cometa conhecido e catalogado?

Uma das primeiras hipóteses foi proposta por Orígenes (183-254 d.C.). Ele supôs que o agora conhecido cometa de Halley teria sido o astro visto pelos Magos. Novamente, astrônomos do século XVI propuseram haver sido a “Estrela de Belém” o cometa Halley. Na época acreditava-se ser o período do Halley um pouco menor que o conhecido atualmente. Acreditava-se assim que o Halley havia “passado” no ano 1 antes de nossa era.

Mas ao se analisar os registros dos chineses, notáveis observadores do céu, verificou-se que a tese do cometa de Halley exigiria um erro de mais de 11 anos na data atribuída ao nascimento de Cristo. Hoje notáveis estudiosos são unânimes em afirmar que o Halley “passou” no ano 12 antes de nossa era, isto é, cedo demais para estar associado ao nascimento de Jesus, considerando que teria nascido por volta do ano 7 a.C.

Outrossim, nenhum dos cometas conhecidos, segundo os dados hoje catalogados, passou por aqui, capaz de ser visto a

olho nu, entre os anos 7 antes de nossa era e o ano 1 de nossa era; período admissível do nascimento de Cristo.

Astrônomos chineses, entretanto, registraram “uma nova estrela” na constelação de Capricórnio, no ano 5 antes de nossa era. Essa nova estrela poderia ser um cometa (os registros não dizem se essa nova estrela se movimentava em relação às estrelas de fundo, caracterizando-se assim como um cometa) ou uma “estrela explodindo”. Estrelas “explodindo” são conhecidas como “novas” ou “super-novas”.

2.2

Uma nova ou supernova

“Nova” ou “Supernova” são aquelas estrelas que subitamente têm seus brilhos aumentados de dezenas a centenas de milhares de vezes. Muitas vezes uma estrela que só pode ser observada com potentes telescópios, no espaço de algumas horas ou dias se torna um dos objetos mais brilhantes do céu, permanecendo assim por alguns dias ou semanas.

Como isso acontece? Esse fenômeno astronômico é o resultado da interação entre duas estrelas próximas (sistema binário) onde uma delas, “velha e cansada”, vai “adquirindo e acumulando” combustível (hidrogênio) de sua companheira. De tempos em tempos (centenas de milhares de anos) esse material acumulado atinge massa crítica e dá-se início a um violento processo de queima (explosão), surgindo assim a “Nova”. Em uma linguagem mais simples, Novas ou Supernovas seriam

estrelas que explodem, aumentando assustadoramente de brilho e depois de algum tempo quase desaparecem do firmamento.

O único registro de Nova no tempo admissível do nascimento de Jesus, que temos notícia, foi feito por astrônomos chineses, na constelação de Capricórnio, no ano 5 antes de nossa era, o que poderia perfeitamente caber dentro da data do nascimento de Jesus. Teria, portanto, sido essa “nova” a “Estrela de Belém”? Segundo esses mesmos registros, essa não era uma “nova” muito brilhante, capaz mesmo de não se fazer notar por um observador menos atento. Além disso, como uma “nova” pode indicar um local ou uma direção a seguir? Novas não têm assimetrias (como caudas) que “apontam para algum lugar” e se mantêm fixas em relação às estrelas de fundo.

A Nova de Capricórnio só seria plausível como sendo a “Estrela de Belém” se admitirmos interpretações “astrológicas” dadas pelos “Magos”. Os sábios da época preocupados com o movimento, o aparecimento e o desaparecimento das estrelas, tinham crenças tais que hoje os chamaríamos de astrólogos. E, poderiam ver no surgimento dessa Nova o nascimento de um grande Rei como era o costume dos sábios de então.

Astrônomos encontraram ocorrências de novas na primavera do ano 5 a.C., ano que não está em contradição com o provável nascimento de Jesus, que segundo os teólogos deve ter ocorrido entre os anos 5 e 7 a.C. e não no ano 1, como é comum imaginar. A hipótese da nova, ou supernova, encontra muitos adeptos até os dias atuais.

2.3

Dança de Júpiter

Todas as interpretações anteriores possuem duas falhas gritantes. Por um lado, não conseguem explicar o estranho movimento da “Estrela de Belém”, que teria precedido os magos na sua viagem de oriente para ocidente, os teria depois orientado de norte para sul, ao viajarem de Jerusalém para Belém, e teria parado sobre o local onde se encontrava Jesus. Nenhum dos fenômenos celestes apontados poderia manifestar comportamento tão estranho. Por outro lado, e este é o argumento mais forte, nenhuma das teorias anteriores permite explicar que apenas os magos tivessem visto um fenômeno espectacular no céu. Os judeus de Jerusalém deveriam ter igualmente visto o cometa ou a supernova, não se percebendo os estudiosos que uns tenham ficado impressionados com o fenômeno e outros o tenham ignorado.

Ao se entender a compreensão que os Magos do Oriente tinham a respeito dos astros e do significado e das interpretações que eles davam a determinados astros, torna-se muito forte a ideia da “Estrela de Belém” haver sido algum fenômeno envolvendo o planeta Júpiter: uma conjunção, um agrupamento, um movimento retrógrado ou algum outro movimento do planeta, ou até mesmo alguns desses fenômenos em sequência. De acordo com as crenças da época, Júpiter era a “estrela real” e estava associado a “reinados e coroações”.

Alguns estudiosos modernos apresentam como explicação, não uma, mas várias «estrelas de Belém». Segundo estes astrônomos, o «primeiro sinal» terá sido uma tripla conjunção de Júpiter e Saturno, que se registou no ano 7 a.C. na constelação Peixes, data que comumente se atribui ao nascimento de Jesus Cristo. Argumentando que Peixes é o signo da Judeia, tais astrônomos dizem que qualquer fenômeno astronômico aí registado seria seguido com atenção pelos magos, que esperavam por um sinal anunciador do nascimento do Messias. Ao contrário dos habitantes de Jerusalém, que não se interessavam por fenômenos celestes nem por astrologia, o alinhamento dos dois planetas no mesmo meridiano, passando um por debaixo do outro, seria seguido com extremo interesse pelos magos da Babilônia ou da Pérsia que, apesar de terem origem judia, viviam sob influência da astrologia grega, romana e zoroastrista.

O «segundo sinal» seria um agrupamento dos planetas Júpiter, Saturno e Marte, que se registou em Fevereiro do ano seguinte, 6 a.C., igualmente em Peixes. O «terceiro sinal» seria uma conjugação de Júpiter e da Lua, que se realizou em Fevereiro de 5 a.C. na mesma constelação. Depois de todos estes acontecimentos celestes, os astrólogos magos ter-se-iam convencido da chegada do Messias e ter-se-iam preparado para a caminhada até Jerusalém. O «quarto sinal», seria o aparecimento de uma explosão estelar, uma nova ou supernova, que astrônomos britânicos levantam como possibilidades, baseados em estudos de registos chineses. A «estrela nova» não seria tão espectacular que tivesse despertado grande interesse na Judeia, mas seria o sinal decisivo para astrólogos magos, que teriam passado os últimos anos a seguir os acontecimentos celestes. Os magos ter-se-iam posto a caminho para o local lógico de nascimento do novo rei dos judeus: a Judeia. Chegados a Jerusalém, pelo movimento natural dos céus, a nova, que teriam visto a oeste duran-

te a madrugada, apareceria agora a sul, indicando o caminho para Belém.

Essa explicação foi dada a princípio por Ridger, astrônomo britânico e parece bastante plausível, trazendo novos elementos a esta longa polêmica, sendo uma teoria muito mais provável que as anteriores. Entretanto, o astrônomo Molnar apresenta um argumento que parece totalmente demolidor contra a teoria de Ridger: não era Peixes, mas sim Carneiro o signo associado à Judeia. Molnar apresenta dezenas de autores e estudos da antiguidade, nomeadamente Ptolemeu, em apoio à sua tese, enquanto Ridger apenas se baseia no testemunho do rabi Abarbanel, um sefardita espanhol que viveu no século XV.

A explicação avançada por Molnar é completamente inovadora e baseia-se numa leitura das edições mais antigas do Evangelho de Mateus, escritas em grego. Molnar diz que a estrela não era mais do que o planeta Júpiter, que teve uma conjugação com a Lua em 17 de Abril de 6 a.C. na constelação Carneiro, o signo dos judeus. Essa conjugação não seria visível, pois registou-se perto do Sol, e apenas astrólogos a poderiam ter calculado. Indo ao texto grego, Molnar interpreta os versículos de Mateus tal como eles seriam lidos por astrólogos magos da época.

A frase «**vimos a sua estrela no Oriente**», depois de confrontada cuidadosamente com o texto grego, significa apenas «**vimos a sua estrela (isto é, o planeta Júpiter) nascer a oriente do Sol**» (logo antes do Sol, o chamado nascimento helíaco). Quando o texto bíblico afirma que a estrela «**ia adiante**» e «**parou**», isso apenas significa que a estrela (Júpiter) seguia o movimento de leste para oeste nos céus (hoje chamado retrógrado, para um planeta) e depois ficou estacionária, o que terá acontecido em 19 de Dezembro do mesmo ano, antes de reco-

meçar o seu movimento aparente normal, de oeste para leste, habitual nos planetas.

As datas, tanto de Ridger com de Molnar, são compatíveis com o que se admite ter sido o momento de nascimento de Cristo, situado em data incerta, entre 7 e 5 a.C. As explicações parecem igualmente críveis, mas a obra de Molnar, com uma interpretação puramente astrológica da “Estrela de Belém”, parece estar despertando mais interesse entre os estudiosos. Owen Gingerich, astrónomo e historiador de Harvard, diz que o livro de Molnar é a contribuição recente mais importante na procura de uma explicação natural para a famosa “Estrela de Belém”. Talvez a explicação não esteja, afinal, escrita na observação de um fenómeno celeste espectacular, mas sim no simbolismo da astrologia antiga.

2.4

Conclusão

Convém destacar que a astrologia era uma ciência altamente desenvolvida pelos Magos e pelos místicos do Oriente, e que dela derivou a moderna Astronomia. Os Magos a que a Bíblia se refere não eram precisamente astrólogos nem filósofos medianos e que também podiam ser pastores ou gente comum, mas sim, os sábios instrutores e altos representantes das grandes academias e escolas místicas do Oriente. Só se dava o título de Mago àquele que houvesse recebido a iniciação superior nos mistérios da escola e demonstrado ser mestre em artes e ciências e ser misticamente evoluído. Reis, potentados e pessoas cultas

de todas as terras consultavam os Magos não só a respeito de questões de Astrologia, ou Astronomia, mas de História, Medicina, leis naturais, leis espirituais e inúmeros outros assuntos que exigiam profundidade de pensamento e extraordinária sabedoria. Eram os grandes oráculos dos eruditos. Muitas vezes exerciam funções de conselheiros nas cortes e nos tribunais de última instância, em julgamentos de várias naturezas.

Por tudo isto, era muito natural que, àquela época, alguns Magos tivessem visto surgir a estrela e compreendido seu significado. Mas não devemos supor que tenham observado a estrela apenas umas poucas horas antes de Jesus nascer e que, às carreiras, abandonaram seus santuários ou afazeres, a fim de rumar para o local onde ocorrera o nascimento, passando por muitas outras terras. De acordo com antigas crônicas essênias, ocorreu, como em outros casos análogos, aliás, que a estrela já vinha sendo observada durante alguns meses antes do nascimento do Divino Infante. Durante várias semanas, anteriormente ao nascimento, cuidadosas tabulações foram feitas a respeito do movimento da estrela e a ocasião provável de seu significado final.

Na verdade, a ciência tem buscado com toda volúpia descobrir o mistério da “Estrela de Belém”. Embora tente de todas as formas buscar evidências de um fenômeno fora do comum que teria ocorrido no céu do Oriente Médio na época do nascimento de Jesus, ela nunca poderá explicar a suposta mensagem da estrela. A astronomia tem o seu grande e prestimoso valor em tentar dar explicações para o fenômeno ocorrido no céu, cujo registro está em Mateus capítulo 2. No entanto, a discussão sobre a data do nascimento de Jesus e os diversos eventos astronômicos que aconteceram no período dificulta a descoberta definitiva. A mensagem a respeito da “Estrela de Belém” deve preponderar sobre o que realmente aconteceu: Deus, na sua infinita graça e misericórdia, estava revelando a sábios do

Oriente o nascimento do Messias esperado, e, muito embora, o livro de Mateus seja escrito originalmente aos judeus e seja o evangelho mais judaico de todos, o evangelista faz questão de introduzir no nascimento de nosso Senhor a universalidade da revelação de Deus e de seu Evangelho: sim, ele é revelado a judeus e gentios igualmente: aos judeus com a aparição dos anjos aos pastores no campo (Lucas 2) e aos gentios, aqui representados pelos sábios do Oriente, pela chamada “Estrela de Belém”.

3.

OS MAGOS DO ORIENTE: MITOS E REALIDADE



s “magos”, em grego *magoi*, descritos em Mateus 2 vieram do leste de Jerusalém, procurando onde era nascido o rei dos judeus pois viram a sua “estrela” no oriente e por isso vieram adorá-lo². Eles não eram reis, por isso é contumaz um equívoco chamá-los de “Reis Magos”. Julga-se que terá sido Tertuliano de Cartago, que no início do Século III teria escrito que os Magos do Oriente eram também reis. O motivo parece advir de algumas referências do Antigo Testamento, como é o caso do Salmo 68:29: “Por amor do Teu Templo em Jerusalém, os reis te trarão presentes.”

Em vez disso, os “magos” eram sacerdotes extremamente sábios que produziam uma espécie de ciência que seria uma astronomia incipiente, às vezes amalgada com uma cultura astrológica de então. Eles eram seguidores de uma religião persa denominada Zoroastrismo. Eram considerados “sábios”, e por

² Com relação ao que seria essa estrela o leitor deve consultar o artigo anterior em que se analisam várias possibilidades existentes entre os estudiosos do texto e entre os astrônomos.

isso, conselheiros de reis. Poderiam ter vindo de três prováveis lugares:

- a) Babilônia, o mais provável;
- b) Pérsia (Irã); ou
- c) até mesmo da Arábia, opinião advogada por Justino, cristão importante que viveu no segundo século.

Um fator extremamente importante tem a ver com a existência de uma grande comunidade de raiz judaica na antiga Babilônia, o que sem dúvida teria permitido o conhecimento das profecias messiânicas dos judeus por parte dos sábios, e a sua posterior associação de simbolismos aos fenômenos celestes que ocorriam. Consequentemente, associando as profecias conhecidas através dos judeus com seus estudos astronômicos e astrológicos, não foi difícil para estes Sábios reconhecerem a revelação divina quanto ao nascimento do Messias, o verdadeiro Rei que reinaria por todo o sempre. A antiga interpretação da história cristã através de Inácio, Justino, Tertuliano, Orígenes e Hilário é que a astrologia e a magia se curvavam ante o bebê recém-nascido, Jesus, reconhecendo que seus dias estavam contados, em face do saber que vem do alto.

3.1

Quantos magos vieram ver Jesus?

A Bíblia não diz quantos magos vieram ver o bebê Jesus em Belém. O evangelista Mateus diz que “uns magos” vieram visitá-lo. E o artigo indefinido “uns” não é sinônimo de três. O fato de serem três presentes oferecidos a Jesus também nada prova, uma vez que a forma de se presentear no oriente era diversa da que nós fazemos hoje no Ocidente. A ideia de que os visitantes eram três pelo fato de que houve três presentes não passa de suposição, sem qualquer base verdadeira no texto ou na história.

As igrejas cristãs primitivas argumentavam e discutiam sobre esse ponto. Os cristãos orientais têm uma tradição de doze sábios, cada um dos quais representaria uma das doze tribos de Israel. Alguns antigos mosaicos mostram apenas dois magos, ao passo que outros exibem sete ou mesmo onze.

O número onze teve apoiadores especiais, porquanto representa um número espiritual, visto que foi o número dos fiéis discípulos de Cristo. Entretanto, a partir do século VI a igreja ocidental estabeleceu o número de magos como três, que representariam as três raças principais da humanidade ou a Trindade. Era uma época em que se fazia de tudo para argumentar sobre a doutrina da Trindade e o número de três magos veio

como uma espécie de analogia para ajudar na comprovação desta doutrina.

O que levou a igreja ocidental a estabelecer o número de magos como sendo três? No século IV a imperatriz Helena, mãe do imperador romano Constantino, teve enorme interesse em relação ao debate acerca de quem seriam esses magos. Ela era uma mulher extremamente atarefada em investigar e descobrir relíquias e lugares santos da história de Cristo. Na companhia de sacerdotes, eruditos e um astrólogo, ela fez uma viagem à Terra Santa (Israel) e eles estabeleceram alguns mitos que aos poucos tornaram-se crenças populares no meio cristão. Por exemplo, concordaram sobre o local exato do nascimento de Jesus em Belém e deram ordens para o soerguimento de uma ornamentada igreja no local. Também consagraram um sepulcro qualquer em Jerusalém supondo que seria o local em que Jesus fora sepultado.

Na mesma lógica de trabalho, a equipe descobriu três esqueletos no caminho e decidiram aleatoriamente que seriam os restos mortais dos “três magos”, que teriam sido assassinados no caminho de volta para sua terra, depois da visita a Herodes, pois essa era a explicação dos conselheiros da imperatriz. Muito tempo depois, no século IX, foram criados os seus nomes: o que deu ouro seria Melquior; o que deu incenso, Gaspar; e o que deu mirra, Baltazar. Há lendas até sobre o lugar em que foram sepultados, mas nenhum desses detalhes tem base histórica, pois foram mitos criados para satisfazer o espírito de exatidão que permeia tais lendas.

Há uma lenda que afirma que quando o veneziano Marco Polo (1254-1324) viajou para a Pérsia, as supostas tumbas dos magos lhe foram mostradas, com seus corpos perfeitamente conservados. Competindo com esta tradição, diz outra que o

Imperador Zeno recuperou as relíquias dos magos em 490, em Hadramaut, na Arábia do sul. Logo depois, de Constantinopla elas foram para Milão. Quando o Imperador alemão Frederico I Barba-Ruiva (1152-1190) conquistou Milão, seu chanceler Reinald von Dassel, conseguiu levar as relíquias dos magos para sua cidade natal, Colônia. Assim, os magos, depois de tantas andanças, descansariam em paz na famosa catedral gótica de Colônia, Alemanha, desde 1164. Obviamente que tais lendas carecem de veracidade histórica, não havendo comprovação alguma quanto a estes fatos criados durante os séculos de cristianismo.

3.2

Que idade tinha Jesus quando eles o visitaram?

Nas festas natalinas, nos presépios e nas encenações nas igrejas há um enorme equívoco ao se apresentar ao público a visita dos magos quando Jesus ainda está na manjedoura, sendo ainda um bebê. Essa é uma lenda existente na crença popular dos cristãos, mas ela não reflete verdade nenhuma sobre o que aconteceu. É provável que Jesus já tivesse dois anos ou, talvez, um pouco menos, quando os magos vieram visitá-lo. O grande problema no cristianismo (e em qualquer outra religião) é que as pessoas se acostumam a crer na tradição de lendas a respeito dos assuntos que envolvem a pessoa de Cristo, tornando-se cegas e incapazes de raciocionar ou até de pensar em outra pos-

sibilidade. Não é mister ter um alto grau de inteligência ou estudar acuradamente o texto, para se chegar a conclusão óbvia de que Jesus não era mais um bebê e sim uma criança quando foi visitado pelos magos. Há seis fortes argumentos que evidenciam claramente que Jesus já estivesse caminhando e falando algumas palavras quando foi visitado pelos magos:

- a) o autor do Evangelho de Mateus se refere a Jesus nesse episódio como uma criança e não como um bebê;
- b) Jesus já estava em sua casa em Belém e não mais na manjedoura; já havia ido a Jerusalém para ser apresentado no Templo e retornado para casa;
- c) o fato de Maria ter dado apenas dois pássaros no templo como contribuição pelo nascimento do menino, o que a identificava como muito pobre, e não doou parte dos presentes que supostamente já teria ganho, já que na visita, ela, através de seu filho, ganhou ouro e outros itens valiosos.
- d) a viagem do Oriente a Jerusalém demorava vários meses de preparação e vários outros de jornada pelo deserto. Os magos viram a “sua estrela” no Oriente pela primeira vez bem antes de visitá-lo;
- e) os magos dão a informação solicitada por Herodes acerca do tempo em que a estrela aparecera, pois este queria matar o menino e por isso precisava saber da idade dele;
- f) quando os magos não voltam a Herodes dando maiores informações acerca do endereço do menino, o rei mandou matar todos os meninos de Belém de dois anos para baixo, ou seja, a idade suposta do menino Jesus.

3.3

Conclusão

Poucas narrativas bíblicas têm sido consideradas como contendo tantas verdades espirituais como esta dos magos do oriente. Ela fornece um tipo de história resumida de todo o cristianismo. O Filho de Deus foi revelado primeiro ao judeu (José e Maria) e depois ao gentio (os astrólogos estrangeiros). Foi revelado primeiro aos humildes e ignorantes e então aos honrados e eruditos. Foi revelado aos pobres primeiro e depois aos ricos. Foi revelado ao ocidente primeiro, depois ao oriente. Foi revelado a pessoas do povo de Deus pelo método usual de Deus se manifestar: a revelação; foi revelado aos astrônomos do oriente por um método adequado aos seus hábitos e sua compreensão. Ao final, temos o objetivo principal dessa máxima revelação de Deus na história, Jesus Cristo – todos devem ir a Jesus não para obter vantagem pessoal, mas tão somente para adorá-lo.

4.

POR QUE JESUS
TRATOU A
ESTRANGEIRA COMO
UM CACHORRO?





s evangelhos de Mateus (15.21-28) e de Marcos (7.24-30) retratam um episódio assaz fundamental que se não for bem compreendido pode parecer que Jesus Cristo tenha sido ríspido, mal-educado e preconceituoso contra a estrangeira siro-fenícia. Sem conhecer o contexto todo do episódio, poderíamos interpretar equivocadamente a atuação de Jesus nesse episódio.

O fato ocorre quando, por um pequeno período de tempo, Jesus abandona o solo judeu, a fim de estar sozinho com os seus discípulos e descansar. Tinha havido algumas interrupções das multidões dos galileus e dos fariseus legalistas e Jesus marcha dois dias, alcança a fronteira noroeste da Galileia, e depois hospeda-se numa casa em Sidom, para ficar totalmente sossegado junto com os seus discípulos. Essa região ficava em torno de 45 km de Cafarnaum e, o ir até lá não está em conflito com o fato de que a sua missão era exclusivamente para os judeus, pois ele não foi para lá exercer o seu ministério, foi para descansar e se recolher. Entrou numa casa e estava ali em retiro, justamente

como Elias havia feito na casa de uma viúva de Sarepta, no mesmo país da Fenícia. Desejava descanso corporal e mental para si e para os discípulos. Era uma mudança agradabilíssima para o grupo, no tempo quente de abril e maio, deixar o baixo nível do lago, bastante mais baixo que o nível do Mediterrâneo, e visitar a região montanhosa da Fenícia.

Ninguém deveria reconhecê-lo. Mal o Senhor havia entrado na terra estranha e acabou-se o seu sossego. Uma gentia, mãe de uma criança energúmena, ouve a respeito de sua chegada. A literatura Clementina, produzida no segundo século, dá o nome de Justa a ela e o nome de Berenice à sua filhinha. Mateus, o evangelista mais judaico de todos, denomina essa mulher de cananeia, a fim de caracterizá-la como pagã, como membro do povo originário que habitava a terra de Canaã. É provável que os judeus continuassem a aplicar este nome a todos os habitantes da Fenícia, ainda que muitos deles tivessem origem diferente. Já Marcos a designa como grega de nacionalidade siro-fenícia, termo usado frequentemente para distinguir dos líbio-fenícios ou cartagineses.

É fácil supor que enquanto permaneciam em casa, Jesus e seus discípulos um dia saíram a passeio, e que ela tendo ouvido falar a respeito dele seguiu-o por detrás, e gritava em altas vozes que a socorresse. Essa mulher pagã grita atrás dele: “Senhor, Filho de Davi”. É curiosíssimo que ela usa o título messiânico “Filho de Davi”. Ela provavelmente ouvira da fama de Jesus, pois vivia em um território tão contíguo à Galileia. Deve ter ouvido falar não apenas de seus grandes feitos, de seus milagres, mas também que agora se discutia em Israel se ele, por causa de seus discursos e feitos, não seria de fato o Filho de Davi, o Messias. Em seu coração, a mulher gentia respondeu a questão sucintamente no sentido de que “quem realiza tais milagres, não pode ser nenhum outro que o Filho de Davi, prometido em Israel”.

O Messias prometido e tão esperado por Israel é o único que pode ajudar sua filha gravemente doente: isso é o que ela crê, e por isso, desesperadamente, grita atrás do Messias.

Há somente duas pessoas que designam abertamente Jesus como o Filho de Davi durante o seu ministério terreno: Bartimeu, o cego de nascença e essa mulher siro-fenícia. Dois alienados, dois rejeitados, dois carentes da graça de Deus é que veem em Jesus o cumprimento das profecias sobre o Filho de Davi. Nem os religiosos em Jerusalém, nem os judeus que compreendiam as profecias e aguardavam o Messias, nem os fariseus e tampouco os escribas identificavam Jesus como o Filho de Davi. Nem mesmo os apóstolos, pois perguntavam entre eles: Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem? Só Pedro que vai ter a revelação do Pai, algum tempo mais tarde, para dizer: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. No entanto, ela, que não pertencia ao povo de Deus, possuía uma compreensão maior, mais profunda e mais ousada de quem era Jesus.

Ela chama Jesus também de Senhor, mas não podemos afirmar peremptoriamente se ela o faz no sentido de adoração ou se era uma mera manifestação de respeito. Ela pede por misericórdia, palavra que inclui a ideia de piedade, que aqui é a ideia preponderante. Ela fala do caso de sua filha como sendo seu próprio. Sente-se miseravelmente inerte ante a situação de sua querida Berenice. Clama por socorro com toda a volúpia de sua alma. Sua filha era ainda uma criança pequena de acordo com a palavra usada por Marcos e estava muito endemoninhada, conforme a palavra original, o que ainda a faz sentir-se mais responsabilizada pelo fato. Não era um demônio qualquer; a menina estava terrivelmente endemoninhada.

Ao se aproximar de Jesus ela lança o persistente e patético clamor, daquele tipo de clamor humano o mais apto a provocar

piedade nos que ouvem, o clamor de uma aflita mãe intercedendo por uma filha que padece. Em vista do que se afirma anteriormente no Evangelho de Mateus que Jesus se compadecia das multidões que andavam errantes e aflitas como ovelhas que não tem tido pastor, era de se esperar que ele desse de imediato à mulher o que ela necessitava, aliás, ela o chamara de Senhor, com respeito, e reconheceu que ele era o Messias, fato este que não acontecia em Israel. Por muito menos ele já atendera anteriormente em Israel. E, agora, quando alguém faz uma declaração dessas tão profundas e precisas, ele silencia.

Esse é o fato mais extraordinário dessa história! Ele não responde. Finge-se de “morto”. Ela continua clamando com toda sua volúpia no desejo de receber uma resposta e ele permanece incólume, indevassável, inconteste, inconcusso, incontroverso³ no seu silêncio. Não diz uma única palavra, deixando esse texto peremptoriamente abstruso à primeira vista.

Os discípulos, comovidos e meio aborrecidos com os altos gritos daquela mulher e talvez achando que não era coisa boa deixarem que se atraísse a atenção sobre eles quando desejavam permanecer em retiro e repouso, pediram a Jesus que a despedisse. Alguns pensam que eles desejavam simplesmente que Jesus a mandasse embora, mas devido a resposta de Jesus, percebe-se que eles desejavam que Jesus atendesse ao pedido dela. Eles estariam dizendo: Atende e despacha-a. Cede e faz o que ela pede, para que finalmente termine a gritaria. Era uma misericórdia aparente; na verdade era comodismo que revelava sua incompreensão e impaciência: queriam se ver livre de Justa e ter sossego.

3 Incólume: ileso, são e salvo, intacto.
Indevassável: que não pode ser devasso.
Inconteste: que não pode ser contestado.
Inconcusso: firme, inabalável, sólido
Incontroverso: incontestável, que não deixa dúvida.

Jesus responde a eles que não foi enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. Fala com calma e autocontrole. Um dos maiores sacrifícios que Cristo fez na terra talvez tenha sido esse. Jesus, sempre solícito às pessoas necessitadas, teve de restringir seu impulso para agir, não podendo utilizar suas forças interiores, em obediência ao Pai e à sua missão. Ele segue com coração pesado, mas com passos firmes, seu caminho de obediência. Ele curou gentios enfermos quando levados à sua presença na terra de Israel, mas agora está num país gentílico e devia evitar manter um ministério geral ali. Ele veio para desenvolver exclusivamente seu ministério em Israel que prepararia uma bênção grandiosa para os gentios (Romanos capítulo 15). Os próprios apóstolos foram solicitados por ele a irem às ovelhas perdidas da casa de Israel.

Também era certo que, quando Israel viesse finalmente como um todo rejeitar o oferecimento do reino, a oferta dele seria estendida aos gentios que dariam os frutos do reino. E, enquanto não chegasse a rejeição final, ele aceitaria as limitações a ele impostas por sua vocação; de forma alguma faria exceção no caso desta mulher siro-fenícia, enquanto não se convencesse cabalmente de que ela compreendia bem o que era essa vocação e enquanto não tivesse provas irrefutáveis da sua fé.

Como Jesus falara em Mateus 11.21 estas cidades pagãs onde ele se encontra agora não eram lugares onde as obras messiânicas estavam destinadas a se realizar. Somente depois da ressurreição é que pede que sejam testemunhas até os confins da terra. Teria Jesus estabelecido um conflito com a natureza e desígnio da sua missão, se ele próprio tivesse antecipado esse trabalho antes de completar sua obra entre os judeus. Estes teriam ficado ainda mais irritados com ele e repeliriam o seu Messias, se ele começasse um grande trabalho entre os gentios.

Jesus fora enviado pelo Pai com a tarefa de executar seu ministério exclusivamente ao povo judeu: “*Veio para o que era seu e os seus não o receberam*” (João 1.12).

Mas a mulher se aproxima. Ela é resoluta, está decidida, sabe o que quer, vai fazer tudo para conseguir o que deseja. O fato de Jesus não lhe dar ouvidos não a afastou. Pelo contrário, como seu grito de longe não chegou ao ouvido do Senhor, a necessidade a impeliu a aproximar-se de Jesus e apresentar-lhe seu pedido de perto. Não desiste nunca, nem pelo silêncio do Mestre, ela vai até o fim para ver se consegue a bênção. Inclina-se perante ele, venera-o, adora-o, honra-o como verdadeiro Senhor e Messias. Ela faz mais do que duplicar os atos dos judeus que receberam ajuda de Jesus; seu espírito de adoração é mais intenso do que Jesus comumente encontrara em território judaico.

Com sinceridade, sem acanhamento, ela repete o seu clamor de forma mais abreviada e mais pungente: “Senhor, socorre-me”. No entanto, Jesus põe diante dela a ideia que tinha dado aos discípulos, qual seja, que os benefícios da era messiânica foram designados para os judeus. Ele diz: “Não é lícito tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos”. Jesus continua irretorquível, irredutível, irrefreável, irremovível.

Aqui entra o segredo de toda a história. Os judeus consideravam-se a si mesmos como os “filhos” de Deus e falavam pejorativamente dos gentios como cães vis e impuros. Conforme relata Flávio Josefo, os sírio-fenícios eram os que, entre todos os fenícios, se portavam com maior hostilidade diante dos judeus. Jesus lhe recorda, em tom gentil, mas inflexível, o conhecido ditado: “Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos”. No texto grego a palavra significa cachorrinho de colo, de casa, que tem a permissão para ficar debaixo da

mesa, em contraposição com a palavra “cães” que são os cachorros de rua, viralatas.

No entanto, Jesus falava o aramaico e nesta língua só existe uma palavra, que dependendo do contexto pode ser usada de forma positiva ou negativa. Nesse ditado judaico, ele tem a forma negativa, pejorativa. No ditado popular, os cachorros são de rua, sem dono, viralatas. Os autores bíblicos ao escreverem em um período posterior em que os gentios também são convidados a participarem da festa messiânica usam o eufemismo “cachorrinhos” para não chocar os gentios. Mas o dito de Jesus em aramaico tem a conotação de “cachorro viralata”. Mas, por outro lado, os gentios, vizinhos dos judeus, já estavam acostumados a isto e, portanto, a expressão aqui não foi demasiado ofensiva e insultuosa como pode parecer à primeira vista.

Justa estava fazendo tudo certo e recebendo só contrariedades. Estava vivendo conforme o ditado que veio a surgir bem depois no período medieval: “Quanto mais a gente reza, mais assombração aparece”. Estava ela vendo em Jesus uma grande esperança, uma luz no fim do túnel, mas a luz que vinha desse fim do túnel era como um trem a toda velocidade, em sentido contrário, como um rolo compressor, para esmagar. Agora não era mais o silêncio, agora eram palavras de um estrangeiro que derrubavam e ofendiam.

Entretanto, a mulher gentia, embora entendesse a comparação como ofensiva, reverte o argumento em seu favor, mesmo que na figura esteja encerrada uma humilhação para ela. Ela pega a palavra que foi proferida em sentido negativo e a transforma em sentido positivo. Como disse Lutero, ela pegou a Cristo em suas próprias palavras. “Até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa do seu Senhor”. Eu não quero ser um cachorro sem dono, um viralata, eu quero estar debaixo da mesa

esperando as migalhas caírem. Essa atitude mostra que a incredulidade é sempre capaz de tirar conclusões tristes, mesmo das mais confortadoras promessas, mas a fé pode achar ânimo mesmo onde pareça que tudo seja desanimador.

Ao responder a Jesus “Sim certamente, Senhor”, ela tenta mostrar uma saída ao Senhor, de como ele poderia, sem tornar-se desobediente ao Pai, atender ao pedido dela. Ela assume de corpo e alma a metáfora dos filhinhos e cachorros e a elabora adiante. Não discute com Jesus, não fala mal, não fica irada, aceita o que Jesus lhe diz. Sem instrução, sem exemplos e sem teologia, essa mulher gentia solucionou o grande enigma diante do qual os mestres em Israel se tornaram tolos.

Na Bíblia estavam ambas as verdades, tanto de que Deus havia criado Israel para seu reino, quanto a de que a terra ficaria cheia da sua glória. O grande enigma do futuro era descobrir como essas duas verdades iriam se combinar. Os escribas não decifraram o enigma, pois esperavam a ajuda de Deus somente para si, enquanto os pagãos teriam parte apenas na sua ira. A mulher Cananeia, entretanto, vislumbrou como ambas as verdades se unificam em Jesus Cristo, este que está diante dela. Ela entende que do pão que Jesus tem para dar, são saciados os filhos e os cachorrinhos. A graça de Deus é tão rica, incomensurável, indizível, que Cristo mantém sua promessa a Israel e também redime os gentios.

Se os cachorrinhos ficassem alimentados somente no caso de que os filhinhos tivessem de passar fome, ela desistiria de seu pedido. Mas porque os cachorrinhos e os filhinhos são saciados conjuntamente, e mais precisamente pelo fato de que os filhinhos têm de sobra na mesa do Senhor, o pedido de Justa não pôde ser rejeitado. A fé esperançosa e persistente torna corajosa e perspicaz a gentia, mãe de Berenice, que é uma criança com

deficiência mental. Ela estava fora dos limites da missão de Cristo, mas sua fé inabalável conquista o coração do Mestre e a circunscreve em algum sentido, dentro dos limites da missão de Jesus.

Ela sabia muito bem que como mulher e como gentia, ela era impura aos olhos de um homem judeu como um dos cães enjeitados que vagavam em torno das antigas cidades orientais, sem abrigo e sem dono, alimentando-se do lixo podre e dos restos das ruas. Mas ela não contradiz o que Jesus diz. Nem contra argumenta. Não exige possíveis direitos. Não questiona os propósitos insondáveis de Deus. Tudo o que sabe é que sua filha está terrivelmente doente e Jesus é o único que pode libertá-la. Ela está confiante que mesmo que não tenha o direito de sentar-se a mesa do Messias, ela, como uma cachorrinha, gentia que é, pode ao menos ter permissão para receber uma migalha das misericórdias de Deus. Quando se está faminto, em estado de inanição, até os resíduos das bênçãos da casa de Deus são suficientes para suprir nossas necessidades.

Em suma, há muitos momentos nos quais Deus nos atende mesmo quando ainda estamos falando, qualquer glória a Deus e Aleluia e ele ali está; outras vezes ele silencia-se, como se não estivesse ouvindo; outras vezes parece que o próprio céu está contra nós. Dá tudo errado, tudo ao contrário.

Sigamos o exemplo de Justa: lutar pelo que se quer, crer e esperar no Senhor, mesmo que a vida seja amarga, doída; mesmo que nos sintamos vilipendiados e aviltados pelas circunstâncias da vida; não desistamos nunca, porque Cristo honra os que depositam confiança nele. Lembremo-nos que ao desistir, sobrarão apenas a opção do lixo podre e da comida fétida do esgoto da rua. É preferível mil vezes ficar na casa do Senhor, mesmo que seja para comer das migalhas que caem da mesa

dele, pois são migalhas que alimentam, que dão vida, que nutrem e que sustentam. É preferível comer das migalhas porque é reconhecendo que sou como um cachorro não merecedor da graça de Deus que sou tratado como filho e posto à mesa; é dizendo “trata-me como um dos teus jornaleiros”, que me é assado o bezerro cevado e colocado o anel de filho no meu dedo. É na dor, no sofrer, na angústia, no desespero, que o Senhor me soergue e me faz viver novamente quando nele deposito toda a minha confiança.

5.

JESUS CONSEGUIU
CURAR O CEGO SÓ
EM ETAPAS?





texto de Marcos 8.22-26 apresenta um milagre bem diferente dos demais realizados por Jesus Cristo. Há, na verdade, em torno de quarenta milagres efetuados por Jesus que estão narrados nos Evangelhos. Dezoito desses milagres estão inseridos no Evangelho de Marcos. Desses dezoito, dois deles são registrados apenas pelo Evangelho de Marcos: a cura do surdo-mudo em 7.31 a 37 e esse milagre de 8.22-26, que é alvo de nosso estudo aqui.

Esses dois milagres registrados apenas em Marcos possuem algumas coisas bem similares:

- a) Cristo tira o sofredor do meio da multidão e o leva à parte.
- b) O milagre é operado em particular.
- c) É feito o uso de meios físicos: o toque do Senhor e a saliva de Cristo.
- d) É ordenado o sigilo absoluto da pessoa que é curada.

Esse milagre do cego curado em duas etapas e não instantaneamente como as demais curas de Jesus ocorreu em Betsaida, composta na sua maioria de habitantes não judeus. Era a cidade de Pedro, André e Felipe, o que explica o fato deste mila-

gre estar inserido no Evangelho de Marcos: este recebeu da boca de Pedro as histórias a respeito de Jesus e como esse milagre aconteceu em sua terra natal era sempre lembrada por ele e pelas igrejas por onde Pedro passava.

Um fator fundamental é verificar que Cristo não curava apenas para aliviar os doentes, mas seus milagres sempre serviam para ensinar algo a seus discípulos. Há, invariavelmente, uma aplicação espiritual nas curas físicas de Jesus. Exemplos bem visíveis são: a ressurreição de Lázaro e o cego de nascença no Evangelho de João.

Os cegos eram o retrato perfeito da humanidade caída e comparados aos mortos. As várias doenças nos olhos, causadas pelo calor, pela luz muito forte, pela poeira que tudo cobria, pela falta de higiene, eram uma miséria popular na Palestina, especialmente no norte. Mendigos com olhos infeccionados, cobertos de moscas eram encontrados com muita frequência. A maioria das famílias tinha alguém cego, e praticamente todos já tinham sido guias de cegos. Jesus compara os fariseus e todos aqueles que estão longe de Deus como cegos espirituais, pessoas sem visão, sem esperança, sem objetivos, sem perspectivas e sem compreender o verdadeiro significado da vida e como alguém que simplesmente vegeta e não vive.

Quando ele é trazido até Jesus por outras pessoas, está diante do Senhor se perguntando o que o estranho judeu poderia fazer por ele. Não podia ver a simpatia estampada no rosto de Cristo. Os fariseus eram também tão cegos que não podiam olhar e contemplar as verdades espirituais em Cristo Jesus. Assim é todo aquele que está longe de Cristo, tal é comparado como sendo cego, pobre, miserável e nu, mesmo achando que é rico e que vive afortunado.

Existem algumas ideias errôneas a respeito da cura de Jesus ser realizada em duas etapas:

- a) A cura imediata seria prejudicial à própria visão do homem.
- b) Jesus não teve o poder de realizar a cura instantaneamente.

Pode-se responder a estas ideias dizendo o seguinte:

- a) nenhum milagre realizado por Cristo trouxe algum prejuízo àquele ou àquela que era curada. Nenhuma sequela ficava; as curas de Jesus sempre foram imediatas, permanentes e completas.
- b) Jesus foi imbuído pelo Espírito Santo para realizar toda sorte de milagres e nunca lhe faltou poder para tal. Se nesse caso o milagre foi efetuado em etapas, deve ser explicado de outra forma: 1) a fé do homem era fraca, muito débil, e precisava de encorajamento. 2) A cura foi gradativa porque corresponderia à fé que o homem possuía. 3) A fé era condição de cura e a medida da fé determinou a medida da restauração.

O Mestre tratava cada um individualmente, de maneira diferenciada. A condição daquele cego requeria uma terapia gradual. Algumas pessoas reagiam favoravelmente com rapidez e com evidente facilidade ao passo que outras eram difíceis de manusear. A cegueira resistiu parcialmente ao toque das mãos de Jesus, mas não pôde resistir a um segundo contato. Jesus não desiste de ver o homem curado.

Por meio deste milagre Jesus ensina uma lição espiritual, acerca da fé nele. Esse milagre é o clímax, o zênite, o ponto mais alto da primeira metade do livro de Marcos. Este Evangelho é dividido em duas partes: a primeira que fala de seu ministério a judeus e gentios no norte da Palestina e vai do início do livro até o capítulo 8.26, portanto encerra com esse milagre; a segunda parte vai de 8.27 até o final e enfoca a ida de Jesus de Cesareia a Jerusalém e seu ministério na cidade de Jerusalém e arredores.

No verso 15 do capítulo 8 Jesus falara 2 vezes sobre ver e no verso 18, pergunta aos seus discípulos: “Tendo olhos, não

vedes?”. Essa palavra chave “ver” aparece mais 6 vezes no contexto. É como se a pergunta anterior não respondida, vai ser respondida agora com esse milagre. No verso 15 os fariseus são tidos como cegos. No verso 18 os discípulos também são tidos como cegos, mas não tão cegos quanto os anteriores. No entanto, estavam num degrau muito baixo. Assim, esse milagre se presta muito bem como transição entre as duas metades do livro e de certa forma, ilumina o relacionamento entre Jesus e os seus discípulos, pois no verso 29, o reconhecimento do Messias por eles finalmente raiaria.

Jesus, então, opera essa cura de forma gradual para ensinar verdades espirituais. É uma vívida ilustração da maneira pela qual, com frequência, o Espírito Santo opera na vida das pessoas. A conversão é uma iluminação, uma mudança das trevas, da cegueira para a verdadeira luz. No entanto, poucas pessoas logo ao se aproximarem de Cristo veem as realidades espirituais de forma nítida. As grandes verdades do Evangelho são percebidas de forma ofuscada e são imperfeitamente perscrutadas. É preciso um segundo toque do Mestre, para que tais pessoas sejam capazes de ver as coisas com maior clareza e dar a cada aspecto da vida cristã o seu devido lugar.

Uma palavra apenas proferida, um toque apenas seria suficiente para curar. Mas Jesus o toma pela mão, leva para fora da cidade, aplica saliva cuspidando nele, impõe-lhe as mãos; ele não é curado integralmente. Jesus impõe de novo as mãos e a cegueira não resiste ao segundo toque do Mestre.

Por que Jesus o tira para fora da cidade, longe das pessoas? Algumas outras vezes Jesus agiu assim: no caso da filha de Jairo pediu que todos saíssem da casa, exceto o pai e mãe da menina e três de seus discípulos. O surdo curdo no capítulo 7 de Marcos também é levado para longe da multidão. Essa ação de Jesus tem grande significado. Jesus sentia o empecilho da comoção, da

indisciplina e principalmente da incredulidade das multidões. Em Nazaré não pode fazer milagre algum devido à incredulidade deles (Marcos 6.5).

Outra razão é que Jesus não queria dar “show” nem provar seu poder. O objetivo dos milagres era o alívio do sofrimento humano e não uma demonstração fria e automática de seu poder. Além disso, Jesus não queria alimentar noções supersticiosas, pois usaria uma metodologia diferente para que o cego compreendesse o que ele estava fazendo. Acima de tudo, Jesus queria estabelecer uma relação sem perturbações com o homem a ser curado. Jesus quer ministrar a esse homem. Jesus quer despertar sua fé, quer fazer com que ele entenda e ouça calmamente o Senhor que ele não pode ver.

E por que Jesus usou saliva para colocar nos olhos do homem na primeira etapa da cura? A resposta está no fato de que naquela época, a população cria que a saliva tinha propriedades terapêuticas. Era um medicamento antigo, especialmente para os olhos. Nas fórmulas mágicas também se usava a saliva para despertar a confiança e a atitude positiva da pessoa. Como a saliva não tem poder curativo algum, o homem foi restabelecido pelo poder de Cristo. A saliva simplesmente funcionou como ajuda à fé. Ele se condeceu da fraca fé do cego e o ajudou com a saliva, para despertar fé e confiança nele.

Outro aspecto é que Jesus impõe as mãos sobre ele. Que significado tinha isso para o mundo judeu daquela época? A crença dos antigos era que as curas só poderiam ser operadas mediante o toque; sem o toque não poderia haver cura. Daí que traziam todos a Jesus para que ele os tocasse e fossem curados. Essa foi uma das razões pelas quais o centurião romano tinha uma fé superior. Jesus queria ir até a casa dele para curar o seu funcionário, mas o funcionário público disse a Jesus: “Dize uma palavra de ordem apenas e meu servo ficará curado” (Mateus

8.8). Na fé do centurião romano, não precisava haver a presença física de Jesus e muito menos o toque, para que o milagre fosse efetuado.

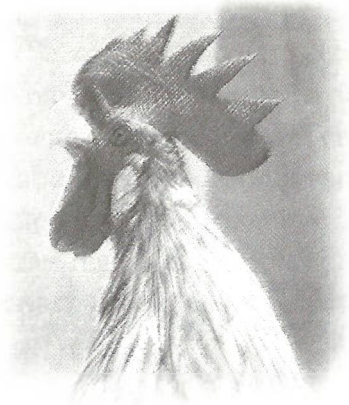
A imposição de mãos na Bíblia é o símbolo comum de comunicação de poder ou de autoridade. Além disso, no caso desse cego, havia um significado muito especial: Jesus está tratando com alguém cuja percepção se dá pelo toque, pois não podia ver. Ele não poderia ver a simpatia estampada no rosto do Mestre, então Ele o toca, para que o deficiente visual sentisse essa simpatia.

Além de tirar o homem para fora da cidade, cuspir nele, e impor as mãos sobre ele, Jesus dialoga com o deficiente visual. Quando Jesus cospe nele e o toca, ele vê as coisas indefinidas, ofuscadas, suas esperanças são reavivadas. Jesus pergunta se ele está vendo alguma coisa. Nunca Jesus perguntava isso, ele curava e garantia a cura completa. Ver é uma metáfora para a compreensão espiritual. A cura dramatiza a persistente falta de entendimento dos discípulos, enquanto Jesus pacientemente os conduz a uma compreensão mais completa. Jesus o toca pela segunda vez, e então ele é curado plenamente, totalmente, cabalmente, definitivamente, permanentemente. Ele teve agora fé suficiente para ser curado perfeitamente.

Esse, na verdade era o retrato da experiência espiritual dos discípulos. Até aquele momento eles tinham captado uma visão parcial e fraca das verdades eternas. Pouco a pouco em seu caminhar com Cristo, a fé deles foi aumentada até que houvesse um segundo toque, o qual abriu os olhos deles às verdades divinas. Pedro sempre amou a Jesus, sempre esteve com ele, mas precisou de um segundo toque, porque em um momento de fraqueza o havia negado. Jó também era um exemplo de vida e de fidelidade, mas precisou de um segundo toque que elevou de sua alma a linda confissão do capítulo 42.

6.

HAVIA UM GALINHEIRO NA
CASA DE ANÁS E DE
CAIFÁS? QUE GALO
CANTOU QUANDO PEDRO
NEGOU JESUS
SE NÃO HAVIA
GALOS
NAQUELA
REGIÃO?



Mateus 26.69-75 e textos paralelos descritos nos outros evangelhos apresentam uma das mais fascinantes histórias da vida de Pedro, discípulo do amado Mestre. Costumeiramente, tem se aceito com toda naturalidade que o “canto do galo” referido por Jesus quando falou antecipadamente que Pedro o trairia, era realmente o cantar de um galo, uma ave. No entanto, pode perfeitamente ser que o canto do galo não fosse o canto de uma ave; e desde o começo não pretende significar isso.

Acima de tudo, a casa do Sumo Sacerdote estava no centro de Jerusalém. E, certamente, não haveria um galinheiro no centro da cidade. De fato, havia uma regra na lei judaica que era ilegal ter galos e galinhas na cidade santa, porque eles sujavam as coisas santas. Jerusalém era tida como uma cidade santa e as galinhas sujavam a cidade por questões higiênicas. De acordo com o Baba Qama 7.7 era proibido “criar galinhas em Jerusalém por causa das coisas santas”.

Por isso, havia uma ordem rabínica seguida à risca pela população: essa ordem era contra qualquer criação ou manutenção de galos ou galinhas dentro das muralhas da cidade santa, visto que eles, além de fazerem suas necessidades físicas em qualquer lugar, também ciscavam procurando pequenos bichos para se alimentarem, produzindo então, coisas impuras, violando assim, a lei da pureza em Israel, que era coisa muito importante para eles.

Mas, então, se não se podia criar ou manter vivo galos e galinhas dentro dos portões da cidade, especialmente no centro, na casa do sumo sacerdote em especial, de onde apareceu esse galo para cantar? Era realmente uma ave ou esse termo “o canto do galo” poderia se referir a alguma outra coisa que não fosse uma ave? Jesus já disse certa vez que os fariseus erravam por não conhecerem as Escrituras e nem o poder de Deus. No Antigo Testamento o povo de Deus perecia por causa da falta de conhecimento. Esse episódio do “canto do galo” é um caso mais ou menos parecido com essa filosofia bíblica. Muitos cometem equívocos porque não conhecem a cultura, o cotidiano, o dia a dia da população judaica e romana dos tempos bíblicos; e, por causa disso, não conseguem captar o que o texto realmente quis dizer na sua origem. O que o texto quer dizer com o “canto do galo”?

O segredo todo está na forma em que os romanos dividiam a noite. Esta era dividida em quatro vigílias de aproximadamente 3 horas cada uma:

- a) *Prima vigília*: do pôr do sol até às 9 horas, também chamada de vigília do entardecer.
- b) *Secunda vigília*: das 9 horas à meia-noite, chamada de vigília da meia noite.

- c) *Tertia vigília*: de zero hora às 3 horas, também conhecida como vigília do canto do galo.
- d) *Quarta vigília*: das três horas até a aurora, chamada de vigília do amanhecer.

Essas quatro vigílias determinavam o período das três horas do serviço da guarda romana. Os judeus inicialmente dividiam a noite em três vigílias: a primeira, “princípio das vigílias” (Lamentações 2.19), ia desde o sol posto até às 10 horas da noite; a segunda, a vigília média” ou da meia-noite (Juízes 7.19) principiava às 10 horas da noite e prolongava-se até às duas horas da madrugada; e, a terceira, a “vigília da manhã” (1 Samuel 11.11), desde as duas horas da manhã até ao nascer do sol. No entanto, em tempos posteriores, na época do império romano a noite passou a ser dividida, segundo o costume dos romanos, em quatro vigílias (desde as 6 horas da tarde às 6 horas da manhã), de três horas cada uma (Mateus 14.25 e Lucas 12.38). Em Marcos (13.35), as quatro vigílias são designadas pelo nome especial de cada uma. Veja o texto:

Marcos 13.35-37. Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à **tarde**, se à **meia-noite**, se ao **cantar do galo**, se pela **manhã**; para que, vindo ele inesperadamente, não vos ache dormindo. O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai!

Os judeus com frequência usavam uma forma abreviada quando se referiam a essas vigílias da noite. “Tarde” era uma expressão com a qual se referiam ao fim da vigília, ou seja, 21h00min. “Meia-noite” indicava o fim da segunda vigília. Você observou? “**Cantar do galo**” era o termo usado por eles para o fim da terceira vigília, ou seja, três horas da madrugada. E “pela manhã” o modo como se referiam ao fim da quarta vigília, ou seja, às seis horas da manhã. Jesus pode voltar em qual-

quer das quatro vigílias romanas, que terminavam respectivamente, às 21 horas, 24 horas, 3 horas e 6 horas da manhã.

O que isso tudo tem a ver com a história de Pedro? É que o “canto do galo” era a expressão usada naquela época no império romano para se referir ao toque da trombeta tocada pelo soldado romano avisando a todos o final da terceira vigília da noite, ou seja, três horas da manhã. No primeiro século, assim em Jerusalém como em todas as cidades importantes dominadas pelo império romano, esse toque da trombeta era conhecido como o “canto do galo”.

O final de cada vigília e o início da próxima era assinalado por um toque de trombeta. Assim, da mesma forma como nas vigílias anteriores, ao final da terceira vigília um sinal era dado pelos guardas romanos e ocorria a troca da guarda. Esse soar da trombeta das três horas da manhã era chamado em latim de “*gallicinium*” e de “*alektorophonia*” em grego e ambos significam em português “o canto do galo”. Essa expressão romana adveio do fato de que os galos normalmente cantam de madrugada, embora não haja horário previsto para as aves o fazerem.

Portanto, se isso realmente foi dessa forma, Jesus estava identificando a hora exata da última negação de Pedro: segundos antes das três horas manhã, quando ocorria o “*gallicinium*”. Se fosse um galo ave, não haveria um tempo específico para o cumprimento da palavra de Jesus, pois os galos são imprevisíveis e cantam inúmeras vezes na madrugada. Mas, lembremo-nos que era proibido ter galos ou galinhas dentro dos muros da cidade. Na verdade, não era um sinal que seria dado por uma ave, seria um sinal militar, uma trombeta, que demoliria o coração e a alma de Pedro. Não seria o canto de um galo qualquer, cujo barulho não se nota ao longe, mas a trombeta do soldado

que ecoaria a negação de Pedro por toda a cidade, como que anunciando a triste e grande traição operada pelo apóstolo.

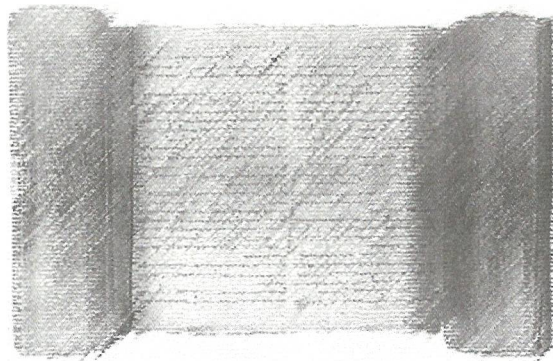
Todo mundo em Jerusalém sabia do toque da troca de guarda às 3 horas da manhã no castelo de Antônia e conheciam que o toque da trombeta era chamado de “canto do galo”. Jesus não falara de um corriqueiro canto de um galo no fundo do quintal da casa de Anás e de Caifás, mas do barulho ensurdecedor da trombeta que se espalhava por toda a Jerusalém, soando forte nos ouvidos de Pedro, balançando sua alma, fazendo com que chorasse copiosamente por ter traído a Jesus.

Como explicar o fato, então, do evangelista Marcos narrar a predição de Jesus de uma forma mais específica que os demais evangelistas? Em Marcos 14.30, Jesus diz a Pedro: “Antes que o “calo cante” duas vezes, três vezes me negarás. Os outros evangelistas falam apenas: “Antes que o galo cante, três vezes me negarás”. O que acontecia é que durante os tempos festivos, devido ao grande número de pessoas na cidade de Jerusalém a trombeta era com frequência tocada duas vezes, primeiro em uma direção e depois de alguns minutos em outra direção. Como era época da Páscoa, a trombeta tocou duas vezes. Isso nos assegura que a terceira negativa de Pedro aconteceu imediatamente segundos antes das 3 horas da madrugada.

Outra explicação é dada pelo historiador Plínio que afirma o seguinte: o toque da trombeta da meia noite era conhecido como o “primeiro cantar do galo”; o toque das três horas manhã era conhecido como o “segundo cantar do galo”. Desta forma, Plínio sugere que a primeira negação teria acontecido momentos antes da meia-noite e a última negação de Pedro exatamente segundos antes das 3 horas da madrugada. A segunda negação teria ocorrido no espaço entre a meia-noite e às três horas da manhã, o que é também uma explicação extremamente viável para o acontecido.

7.

POR QUE A
GENEALOGIA DE
JESUS É DIFERENTE
EM MATEUS E LUCAS?



A genealogia de Jesus Cristo pode ser encontrada em dois lugares nas Escrituras: Mateus 1.1-17 e Lucas 3.23-38. No entanto, há vários motivos para se crer que Mateus e Lucas estão seguindo genealogias completamente diferentes. Vejamos os exemplos abaixo enumerados:

- a) Mateus segue a genealogia de Jesus até Abraão. Lucas segue a genealogia de Jesus até Adão.
- b) Mateus diz que o pai de José era Jacó (Mateus 1.16), enquanto Lucas diz que o pai de José era Heli (Lucas 3.23).
- c) Mateus segue a linha de genealogia através de Salomão, filho de Davi (Mateus 1.6), enquanto Lucas segue a linha através de Natã, filho de Davi (Lucas 3.31).

Na verdade, entre Davi e Jesus, os únicos nomes que as genealogias têm em comum são Salatiel e Zorobabel (Mateus 1.12; Lucas 3.27). Vejamos um quadro analítico entre as duas genealogias. Os números entre colchetes referem-se aos nomes coincidentes, informando a posição na outra lista.

Nº	Lucas	Mateus
0	Jesus [0]	Jesus [0]
1	José [1]	José [1]
2	Heli	Jacó [51]
3	Matat ou Matã [3]	Matã (ou Matat) [3]
4	Levi	Eleazar
5	Melqui	Eliúd
6	Janai	Aquim
7	José	Sadoc
8	Matatias	Azor
9	Amós	Eliaquim ou Eliacim [37]
10	Naum	Abiud
11	Esli	Zorobabel [20]
12	Nagai	Salatiel [21]
13	Maat	Jeconias
14	Matatias	Josias
15	Semei	Amom
16	Joseque ou José	Manasses
17	Jodá	Ezequias
18	Joanã	Acaz
19	Resa	Joatão
20	Zorobabel [11]	Ozias
21	Salatiel [12]	Jorão
22	Neri	Josafá
23	Melqui	Asaf ou Asa
24	Adi	Abias
25	Cosã	Roboão
26	Elmadã	Salomão
27	Er	Davi [42]

28	Josué (ou Jesus)	Jessé [43]
29	Eliezer	Obed [44]
30	Jorim	Booz e Rute
31	Matat ou Matã	Salmom e Raab
32	Levi	Naassom {44}
33	Simeão	Aminadab [45]
34	Judá	Arão ou Aram
35	José	Esrom [48]
36	Jonã	Farés (e Zara) [49]
37	Eliaquim [9]	Judá (e Tamar) [34] [50]
38	Meleá ou Meléia	Jacó [51]
39	Mená	Isaac [52]
40	Matatá	Abraão [53]
41	Natã	Davi [42]
42	Davi [27]	Booz
43	Jessé [28]	Sala
44	Obed [29]	Naassom {32}
45	Aminadab [33]	
46	Admim	
47	Arni	
48	Esrom [35]	
49	Farés [39]	
50	Judá [41]	
51	Jacó [2] [38]	
52	Isaac [39]	
53	Abraão [40]	
54	Taré	
55	Nacor	
56	Serug	

57	Reu	
58	Faleg	
59	Héber	
60	Salé	
61	Cainã	
62	Arfaxad	
63	Sem	
64	Noé	
65	Lamec	
66	Matusalém	
67	Henoc	
68	Jared	
69	Maleleel	
70	Cainã	
71	Enós	
72	Set	
73	Adão	
74	Deus.	

Como se explicam essas diferenças? Alguns acreditam que essas diferenças são evidências claras de que a Bíblia contém erros e contradições. No entanto, os judeus eram muito cuidadosos com seus registros, principalmente com as genealogias. É inaceitável que Mateus e Lucas, dois escritores altamente preparados e estudiosos, pudessem construir duas genealogias completamente contraditórias da mesma linhagem. O grande entrave é que, de Davi até Jesus, as genealogias são completamente diferentes. Até mesmo a referência a Salatiel e Zorobabel usada pelos dois evangelistas provavelmente estaria falando de pessoas diferentes com o mesmo nome. Note que Mateus diz que o pai de Salatiel era Jeconias, enquanto que Lucas diz que o

pai de Salatiel era Neri. Era normal que um homem chamado Salatiel chamasse seu filho Zorobabel por causa das pessoas famosas que tinham aqueles mesmos nomes. Isso pode ser verificado me genealogias do Antigo Testamento; basta que leiamos os livros de Esdras e de Neemias.

Diversas são as explicações dadas para justificar as diferentes genealogias apresentadas pelos dois evangelistas. Uma explicação extremamente frágil é que pode ter havido esquecimento de alguns nomes ou os escritores terem usado grafia diferente. Mas isso não resiste a tanta diferença existente em ambas as genealogias. Uma outra explicação muito fraca é que Mateus está seguindo a linhagem primária enquanto Lucas está levando em consideração as ocorrências da “lei do levirato”. Se um homem morresse sem deixar nenhum filho, era tradição que o irmão desse homem casasse com sua esposa e tivesse um filho que desse continuação ao nome de seu irmão. Isso é possível, mas extremamente improvável, já que todas as gerações desde Davi até Jesus teriam que ter tido um “casamento de levirato” para explicar as diferenças no registro em todas as gerações. Isso é inteiramente hipotético e problemático, pois seria algo de não haver quase possibilidade alguma de ter acontecido.

O fato, porém, que permanece é um só: as listas não são iguais; são completamente diferentes. Para o estudante de Jesus e do Cristianismo primitivo, nada deve escapar as suas reflexões, embora, este assunto não deva ser catalogado entre os mais importantes. No entanto, pelo fato de muitos ateus e anticristãos colocarem em dúvida a veracidade da Bíblia como verdadeira e inspirada por Deus, é mister que tenhamos uma explicação plausível.

A alternativa mais plausível é fornecida por vários estudiosos da Bíblia que dizem que Maria era filha de Eli, mas a genea-

logia fornecida por Lucas alista o marido de Maria, José, como sendo “filho de Eli”. Isso é extremamente provável visto que é bem conhecido que os judeus, ao elaborarem suas tabelas genealógicas, levavam em conta apenas os varões, rejeitando o nome da filha quando o sangue do avô era transmitido ao neto por uma filha, e contando o marido desta filha em lugar do filho do avô materno. Exemplos disso podem ser vistos nos testamentos registrados em Números 26.33 e 27.4-7. Muito possivelmente, por este motivo, Lucas diz que José era “*filho de Eli*”, pois ele não era pai de Jesus biologicamente falando; logo, Lucas traça a linhagem materna de Jesus inserindo o nome de José no lugar de Maria, levando em conta esse costume entre os judeus.

Levando-se em consideração todos esses fatos, a maioria dos estudiosos bíblicos acredita, então, que Lucas está registrando a genealogia de Maria, e Mateus a de José. Mateus está seguindo a linhagem de José (pai legal de Jesus), através de Salomão, filho de Davi; enquanto isso, Lucas está seguindo a linhagem de Maria (parente sanguínea de Jesus), através de Natã, filho de Davi. Outro fato é que não existia uma palavra grega para “genro”, e José teria sido considerado um filho de Heli por ter se casado com Maria, filha de Heli, pois era comum se chamar o genro de “filho”.

Dessa forma, por ambas as linhagens, Jesus é um descendente de Davi e, portanto, qualificado para ser o Messias. Registrar a genealogia através do lado materno era incomum, assim como o nascimento virgem. A explicação de Lucas é que Jesus era filho de José, “como se cuidava” (Lucas 3.23). Lucas, evidentemente, segue os antepassados de Maria, mostrando assim ter sido Jesus descendente *natural* de Davi, ao passo que Mateus mostra o direito *legal* de Jesus ao trono de Davi, por ele descender de Salomão através de José, que era *legalmente* o pai de Jesus.

Tanto Mateus como Lucas indicam que José não era o pai verdadeiro de Jesus, mas apenas seu pai adotivo, que lhe concedeu o direito legal. Mateus se afasta do estilo usado em toda a sua genealogia quando chega a Jesus, dizendo: “Jacó tornou-se pai de José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo.” (Mt 1.16) Note que ele não diz que ‘José tornou-se pai de Jesus’, mas que ele era “marido de Maria, da qual nasceu Jesus”. Lucas é ainda mais incisivo quando, depois de primeiro mostrar que Jesus na realidade era o Filho de Deus por intermédio de Maria (Lucas 1.32-35), ele diz: “Jesus . . . sendo, como era a opinião, filho de José, filho de Eli.” (Lucas 3.23).

Visto que Jesus não era filho *do próprio* José, mas era o Filho de Deus, a genealogia de Jesus, por Lucas, provaria que ele era, por nascimento humano, filho de Davi, por meio da sua mãe, Maria. Mas, por que Lucas não menciona Maria, e por que passa logo de Jesus para o seu avô? Sentimentos antigos não condiziam com a menção da mãe como elo genealógico. Entre os gregos, o homem era filho do seu pai, não da sua mãe; e entre os judeus, o adágio era: “O descendente da mãe não é chamado descendente dela” (‘Baba bathra’ 110, a).

Outro detalhe é que, sem dúvida, vários nomes foram omitidos na genealogia do evangelista Mateus, para facilitar a memorização dos seus leitores, pois ele didaticamente estabelece três séries de 14 nomes: De Abraão até Davi, 14 nomes; de Davi até a deportação para a Babilônia 14 nomes; e, da deportação da Babilônia até Jesus Cristo 14 nomes. Ao fazer isso é óbvio que ele pulou algumas pessoas na apresentação de sua genealogia. Isso não é problema algum, pois o verbo grego traduzido por “gerou” (gennao, em grego) não requer o sentido de relacionamento imediato, mas frequentemente significa algo como “foi o antepassado de” ou “foi o progenitor de”.

Portanto, pode-se concluir que as duas listas, de Mateus e de Lucas, conjugam as duas verdades, a saber: (1) que Jesus era realmente o Filho de Deus e o herdeiro *natural* do Reino pelo nascimento milagroso por meio da virgem Maria, da linhagem de Davi, e (2) que Jesus era também o herdeiro *legal* na linhagem masculina descendente de Davi e de Salomão, por meio do seu pai adotivo, José. (Lucas 1.32-35; Romanos 1.1-4) Se houvesse alguma acusação por parte de judeus hostis, de que o nascimento de Jesus era ilegítimo, o fato de que José, apercebido das circunstâncias, casou-se com Maria e deu-lhe a proteção do seu bom nome e da sua linhagem real, refutaria tal calúnia.

8.

POR QUE O ESPÍRITO
SANTO LEVOU JESUS
PARA SER TENTADO
PELO DIABO NO
DESERTO?



Logo após o seu batismo no rio Jordão, por João Batista, Jesus foi imediatamente conduzido pelo Espírito ao deserto, pelo espaço de quarenta dias, a fim de jejuar e ser exposto às tentações de Satanás. Não foi o diabo que veio no lugar onde Ele estava; o próprio Jesus foi levado ao deserto para ser tentado pelo diabo.

O leitor do Novo Testamento poderia esperar avidamente que o Espírito Santo apresentasse Jesus publicamente como o Filho amado de Deus para que toda a humanidade aclamasse o seu poder e o adorasse. Pelo contrário, o Espírito impele Jesus para o deserto, para empenhar-se em um teste de forças com Satanás, o qual usurpara o controle sobre este mundo (Mt 4.1-11; Mc. 1.113; Lc. 4.1-13). Deus coloca o Seu Filho unigênito sob um fardo extremamente pesado. Ele não o faz passar a uma distância segura do reino das trevas, mas o leva bem para o meio perigoso do controle e da presença satânica.

Antes de discutirmos as razões do porquê o Espírito conduziu Jesus ao deserto para ser tentado, é mister saber qual foi o provável local ermo para onde Jesus foi levado. A primeira colocação a ser feita é que a expressão “no deserto” significa que a experiência não foi uma forma de visão, e, sim, literal. O segundo aspecto a ser analisado é que, embora o deserto seja na Bíblia também um lugar ideal para um encontro com Deus, o texto sagrado aponta para outra direção: Ele permaneceu 40 dias sendo tentado por Satanás.

O número 40 é, na Bíblia, o número da provação: 40 dias demorou o dilúvio (Gn. 7.12), o jejum de Moisés no Sinai (Ex. 34.28), a caminhada de Elias até o Monte Horebe (1 Rs. 19.8), 40 anos Israel permaneceu no deserto (Sl. 95.10) e, mais tarde sob o domínio dos filisteus (Jz. 13.1).

Sob o local exato da tentação, não se pode ter certeza absoluta de onde ela ou elas ocorreram. Bem pode ser que, por providência divina, este e outros lugares onde se deram os grandes eventos da vida de Jesus, ficassem ocultos para impedir a superstição por parte dos humanos. Mesmo assim, é possível apontar com certa plausibilidade, o provável lugar em que este fato aconteceu, excluindo-se sugestões improváveis:

- a) Alguém sugeriu que o local desértico seria o Monte Sinai, baseando-se no fato de que foi ali que ocorreram os 40 dias de jejum de Moisés e de Elias. Mas isso é apenas uma suposição, sem qualquer evidência.
- b) Alguns escritores dos séculos XIX e XX sugeriram que o local fosse ao oriente do Jordão, mas o uso geral do termo “deserto” em o Novo Testamento favorece a ideia comum que era ao ocidente do rio Jordão. O termo “voltou” usado por Lucas favorece o ponto de vista que foi ao ocidente, mas não soluciona a questão totalmente, pois Jesus poderia ter atravessa-

do abaixo do lago da Galileia, e vir através da Pereia para ser batizado, visto que os galileus, muitas vezes faziam esta rota para Jerusalém.

- c) Se Jesus foi batizado em Betânia, do outro lado do Rio Jordão (ver Jo. 1.28), então é possível que o local de sua tentação tenha sido as praias estéreis e rochosas do Mar Morto, não muito distantes das cavernas de Qumran.
- d) Uma tradição antiga coloca-o em um monte justamente a noroeste de Jericó, vindo este monte a ser chamado de “Quarentania” (um lugar de 40 dias). Este monte dista 10 a 12 quilômetros do local tradicional do batismo e eleva-se uns 600 metros **perpendicularmente** da planície do Jordão, o que torna esse local mais afinado com a terceira tentação registrada por Mateus.

Embora não se possa garantir o lugar exato, parece que esta última estaria mais bem fundamentada que as demais.

Mas, por que o Espírito conduziu Jesus até lá para ser tentado pelo diabo? A palavra “tentado” nem sempre reflete o que a palavra grega escrita pelos autores significa. A palavra significa “experimentalmente, provar”. O motivo de tal prova pode ser bom ou mal, dependendo da ocasião, da causa e de quem efetua a prova:

- a) O objetivo é inamigável e mau quando os homens tentam a Deus, provando-o de maneira imprópria, pois não possuem confiança no cumprimento das suas promessas ou ameaças.
- b) Os homens, o diabo e os seus demônios também possuem maus objetivos quando tentam os homens, experimentando-os, com o único propósito de provocar as suas más tendências ao instigá-los ao pecado.

- c) O objetivo pode ser bom, pois se tenciona verificar o caráter, desenvolver e tornar manifestas as suas virtudes, ou expor suas faltas, para serem corrigidas.

Em todos os casos há uma prova, uma experimentação; a diferença reside na natureza e desígnio dela.

Um novo questionamento a ser feito é se seria possível a Jesus cair em pecado. Sendo ele o Filho Unigênito de Deus, como poderia cair em tentação? Devemos nos lembrar que Jesus era humano como um de nós, exceto que não tinha pecado. E, se não fosse possível a ele pecar, então na verdade não foi como um de nós, que “em tudo foi tentado” (Hb. 4.15).

Mas como seria possível a ele pecar? Ao pensarmos em sua humanidade e sendo feito à semelhança de Adão no seu estado de pureza, dos anjos e de toda e qualquer criatura moral, ele poderia pecar, sim. Por isso sua tentação foi real, e assim ele a sentiu, e como tal a venceu. Jesus foi também tentado em outras ocasiões, como se pode verificar em Lucas 4.13 e afirmado em Lucas 22.28 e Hebreus 4.15.

Por que seria necessário Jesus ser experimentado pelo diabo? Poderíamos imaginar algumas possíveis razões:

- a) Daria prova inverossímil de sua verdadeira humanidade, de que possuía uma alma humana.
- b) Como o segundo Adão, deu prova incontestada de que é possível vencer e derrotar a Satanás.
- c) Foi uma forma de ele sentir em seu próprio corpo tudo o que sentimos durante nossa vida terrena: fome, sede, solidão, medo, angústia, fortalecendo-se desta forma em sua decisão de entregar sua própria vida para livrar-nos dessas desgraças colocadas pelo próprio Satanás em nossas vidas.

- d) Seria parte de seu exemplo a nós. Ensinando-nos como vencer as tentações.
- e) Faria parte de sua disciplina pessoal.
- f) Faria parte de sua preparação, a fim de se tornar um intercessor compassivo.
- g) Formaria parte da grande batalha na qual a “semente da mulher pisaria a cabeça da serpente (Gn. 3.15)”. Desta primeira grande batalha o predestinado conquistador saiu plenamente vitorioso.
- h) Ele deveria vencer naquilo que Israel havia falhado: enquanto Israel havia mostrado desobediência constante, ele deveria ser constantemente obediente ao Pai.
- i) Deus não quer mais tolerar a miséria da criatura escravizada. Através do Seu Filho Ele ataca o dono da casa (Mc. 3.27). O Reino de Deus não pode vir a não ser com confronto, pois não penetra em espaço sem dono. Satanás é perturbado em seu covil, e ele não fica sem reagir. Ele exibe um poder sedutor, mas é derrotado por Jesus.
- j) Jesus toma consciência do tipo de Messias que haveria de ser: alguém que não usasse simplesmente seus poderes para fins pessoais, nem estabelecer um império poderoso que dominaria o mundo com justiça, nem operar milagres espetaculares sem razão de ser. Ele seria o pregador do Reino de Deus, trazendo pregação de arrependimento e usando seus poderes para curar e libertar os oprimidos do diabo ou das circunstâncias da vida.

Algumas importantes lições ficam desse episódio da tentação de Jesus. Na luta do cristão contra o diabo, o principal campo de batalha é a tentação. O discípulo precisa vencer o inimigo superando as tentações. Não estamos sós, contudo.

Jesus tornou-se um homem, foi tentado como somos, obteve a vitória, assim mostrando como nós podemos triunfar sobre Satanás (note Hebreus 2.17-18; 4.15). É essencial, portanto, que analisemos cuidadosamente de que forma Jesus venceu.

Embora Jesus tenha sido tentado várias vezes, ele enfrentou um teste especialmente severo logo depois que foi batizado. Lucas recorda este evento, mas seguiremos a história conforme Mateus a conta: *“A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome”* (Mateus 4:1-2). Pelo fato que foi o Espírito que levou Jesus para o deserto mostra que Deus pretendia que Jesus fosse totalmente humano e sofresse tentação. Note estas três tentativas de Satanás para seduzir Jesus.

Primeira Tentação

A afirmação do diabo: *“Se és o Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães”* (4:3). A palavra “se”, no original, não quer dizer que o diabo lança dúvidas em Jesus se Ele era o Filho de Deus. Jesus acabara de ser batizado e Deus dos altos céus confirmara que Jesus era o Seu amado Filho. Esse “se” poderia muito bem ser traduzido pela palavra “já”. Então ficaria em todas as tentações a expressão: **“JÁ QUE ÉS O FILHO DE DEUS...”**.

O diabo é um mestre das coisas aparentemente lógicas. Jesus estava faminto; ele tinha poder para transformar as pedras em pão.

O diabo simplesmente sugeriu que ele tirasse vantagem de seu privilégio especial para prover sua necessidade imediata. Era verdade que Jesus necessitava de alimento para sobreviver. Mas a questão era como ele o obteria. Lembre-se de que foi

Deus quem o conduziu a um deserto sem alimento. O diabo aconselhou Jesus a agir independentemente e encontrar seus próprios meios para suprir sua necessidade. Confiará ele em Deus ou se alimentará a seu próprio modo?

Há aqui, também, uma questão mais básica: Como Jesus usará suas aptidões? O grande poder que Jesus tinha seria usado como uma lâmpada de Aladim, para gratificar seus desejos pessoais? A tentação era ressaltar demais os privilégios de sua divindade e minimizar as responsabilidades de sua humanidade. E isto era crucial, porque o plano de Deus era que Jesus enfrentasse a tentação na área de sua humanidade, usando somente os recursos que todos nós temos a nossa disposição.

A resposta de Jesus: “*Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus*” (4:4). Em cada teste, Jesus se voltava para as Escrituras, usando um meio que nós também podemos empregar para superar a tentação. A passagem que ele citou foi a mais adequada naquela situação. No contexto, os israelitas tinham aprendido durante seus 40 anos no deserto que eles deveriam esperar e confiar no Senhor para conseguir alimento, e não tentar conceber seus próprios esquemas para se sustentarem.

O diabo ataca as nossas fraquezas. Ele não se acanha em provar nossas áreas mais vulneráveis. Depois de jejuar 40 dias, Jesus estava faminto. Daí, a tentação de fazer alimento de uma maneira não autorizada. Satanás escolhe justamente aquela tentação à qual somos mais vulneráveis, no momento. De fato, as tentações são frequentemente ligadas a sofrimento ou desejos físicos. A tentação parece razoável.

O errado parece certo. Um homem “tem que comer”. Muitas pessoas sentem que necessidades pessoais as isentam da responsabilidade de obedecer às leis de Deus. Precisamos confiar

em Deus. Jesus precisava de alimento, sim. Porém, mais do que isso, precisava fazer a vontade do Pai. É sempre certo fazer o certo e sempre errado fazer o errado. Deus proverá o que ele achar melhor; meu dever é obedecer-lhe. É melhor morrer de fome do que desagradar ao Senhor.

Segunda Tentação

A afirmação do diabo: *“Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo e lhe disse: Se és filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te sustentarão em suas mãos para não tropecares nalguma pedra”* (4:5-6). Jesus tinha replicado à tentação anterior dizendo que confiava em cada palavra do Senhor. Aqui Satanás está dizendo: “Bem, se confia tanto em Deus, então O experimenta. Verifica o sistema e vê se ele realmente cuidará de ti.” E ele confirmou a tentação com um trecho das Escrituras.

A questão é: Jesus confiará sem experimentar? Desde que Deus prometeu preservá-lo do perigo, é certo criar um perigo, só para ver se Deus realmente fará como disse? **A resposta de Jesus:** *“Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus”* (4:7). A confiança verdadeira aceita a palavra de Deus e não necessita testá-la.

O diabo cita a Escritura; ele põe como isca no seu anzol os versículos da Bíblia. Pessoas frequentemente aceitam qualquer ensinamento, se está acompanhado por um bocado de versículos. Mas cuidado! O mesmo diabo que pode disfarçar-se como um anjo celestial (2 Co 11:13-15) pode, certamente, deturpar as Escrituras para seus próprios propósitos. O diabo fez três enganos: **Primeiro:** não tomou todas as Escrituras. Jesus replicou com: *“Também está escrito”*. A verdade é a soma de tudo o que Deus diz; por isso precisamos estudar todos os ensinamen-

tos das Escrituras a respeito de um determinado assunto para conhecer verdadeiramente a vontade de Deus.

Segundo: ele tomou a passagem fora do contexto. O Salmo 91, no contexto, conforta o homem que confia e depende do Senhor; ao homem que sente necessidade de testar o Senhor nada é prometido aqui. **Terceiro:** Satanás usou uma passagem figurada literalmente. No contexto, o ponto não era uma proteção física, mas uma espiritual. Satanás é versátil. Jesus venceu em uma área, então o diabo se mudou para outra. Temos que estar sempre em guarda (1 Pe 5:8). A confiança não experimental, não continua pondo condições ao nosso serviço a Deus, e não continua exigindo mais prova. Em vista da abundante evidência que Deus apresentou, é perverso pedir a Deus para fazer algo mais para dar prova de si.

Terceira Tentação

“Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares” (4:8-9). Que tentação! O diabo deslumbrava com a torturante possibilidade de reinar sobre todos os reinos do mundo. A questão aqui não era tanto a de Jesus tornar-se um rei (Deus já lhe tinha prometido isso Sl 2.7-9; Gn 49.10), mas de como e quando. O Senhor prometeu o reinado ao Filho depois de seu sofrimento (Hb 2.9). O diabo ofereceu um atalho: a coroa sem a cruz. Era um compromisso. Ele poderia governar todos os reinos do mundo e entregá-los ao Pai. Mas, no processo, o reino se tornaria impuro. Então as questões são: Como Jesus se tornaria rei? Você pode usar um meio errado e, no fim, conseguir fazer o bem?

A resposta de Jesus: *“Retira-te Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele darás*

culto”(4:10). Nada é bom se é errado, se viola as Escrituras. Satanás paga o que for necessário.

O diabo ofereceu tudo para “comprar” Jesus. Se houver um preço pelo qual você desobedecerá a Deus, pode esperar que o diabo virá pagá-lo. (Leia Mt 16:26). O diabo oferece atalhos. Ele oferece o mais fácil, o mais decisivo caminho ao poder e à vitória. Jesus recusou o atalho; Ele ganharia os reinos pelo modo que o Pai tinha determinado.

Hoje Satanás tenta as igrejas a usar atalhos para ganhar poder e converter pessoas. O caminho de Deus é converter ensinando o evangelho (Rm 1.16). Exatamente como ele tentou Jesus para corromper sua missão e ganhar poder através de meios carnavais, assim ele tenta nestes dias.

O diabo oferece compromissos por bons propósitos. Ele testa a profundidade de nossa pureza. Ele nos tenta a usar erradamente as Escrituras para apoiar um bom ponto ou dizer uma mentira de modo a atingir um bom resultado. Nunca é certo fazer o que é errado.

Nesta batalha entre os dois leões (1 Pe 5.8; Ap 5.5), Jesus ganhou uma vitória decisiva. E ele fez isso do mesmo modo que nós temos que fazer. Confiou em Deus (1 Jo 5.4; Ef. 6.16). Usou as Escrituras (1 Jo 2.14; Cl 3.16). Resistiu ao diabo (Tg 4:7; 1 Pe 5.9). O ponto crucial é este: Jesus nunca fez o que ele sabia que não era certo. E nós devemos sempre seguir seus passos (1 Pd 2.21).

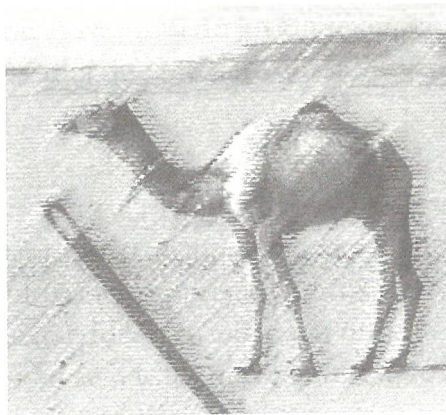
Segundo todas as aparências, o último Adão estava em grande desvantagem neste conflito. O primeiro Adão vivia no paraíso; o último Adão estava no deserto árido da Palestina. O estômago do primeiro Adão estava cheio de comida das plantas do Jardim; o último Adão já estava quarenta dias em jejum.

O primeiro Adão vivia num ambiente livre de pecado; o último Adão desceu do céu exatamente porque o mundo estava cheio de pecado. Ao primeiro Adão foi dada uma companheira como apoio; o último Adão estava só. Como o último Adão se arranjaria? Que tipo de “filho de Deus” ele seria?

Talvez a coisa mais surpreendente sobre a tentação seja o simples fato que Jesus permitiu-se ser tentado. Como Deus onipotente em carne, ele poderia simplesmente ter eliminado o diabo e acabado com ele. Mas ele não fez isso. Dizendo de outro modo, basta imaginar o que o mundo seria se tivéssemos onipotência. Seria um desastre. Satisfazendo cada desejo! Vingando cada ofensa percebida. Tal mundo seria puro caos. Nós não nos conteríamos. Esta é a essência da tentação. Jesus poderia ter feito tudo o que ele quisesse, mas preferiu não usar seus poderes para sua satisfação.

9.

O QUE JESUS
QUIS DIZER COM O
CAMELO E AGULHA?





importante na interpretação da frase usada por Cristo “é mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” é analisar o contexto em que ela foi dita. Vejamos primeiro o estudo do contexto porque ele nos ajudará na boa compreensão do texto.

Um moço rico aproximou-se de Cristo dirigindo-Lhe a pergunta: “Mestre, que farei de bom, para alcançar a vida eterna?” (Mt 19.16). Jesus o informa da necessidade de guardar os mandamentos. A resposta do jovem foi incontinente: “Tudo isso tenho observado; que me falta ainda?”

Preso aos bens materiais, a sua maneira de guardar os mandamentos, não se coadunava com as diretrizes divinas. Diante desta realidade foi que Cristo lhe expôs a necessidade de guardar os mandamentos não de maneira fria, ritualística e farisaica, mas sim de acordo com o desprendimento celeste. O jovem rico, embora houvesse guardado os mandamentos literalmente, a sua atitude egoísta não se harmonizava com o que Deus espera de

nós; guardara os mandamentos na letra, mas não no espírito, por isso de maneira franca e sincera Cristo apresentou o que lhe faltava – desprender-se completamente das posses terrestres. O pedido do Mestre lhe pareceu exigente demais para ser cumprido, portanto o diálogo foi encerrado.

É nesse momento que Cristo usa a célebre frase, que tem sido mal interpretada ao longo do tempo, por não se compreender o verdadeiro sentido do que significavam as palavras “camelo” e “agulha”, no dito de Jesus. Obviamente o tempo foi dando interpretações equivocadas e normalmente uma delas acabou ficando como a verdadeira, podendo não ser o que realmente Cristo quis dizer.

A palavra camelo é usada seis vezes no Novo Testamento:

- a) Três vezes relatando essa ilustração de Cristo (Mt 19.24; Mc 10.25 e Lc 18.25).
- b) Duas vezes com referência às vestes de João Batista (Mt 3.4 e Mc 1.6).
- c) Uma crítica de Cristo aos escribas e fariseus.

Uma leitura rápida da passagem tem levado muitos à seguinte conclusão: Os ricos nunca poderão entrar no reino dos Céus, desde que um camelo jamais passará pelo fundo de uma agulha. É verdade que é difícil para um homem rico obter o reino dos Céus, não porque ele é rico, mas por causa da sua atitude para com as riquezas. O contexto de Mateus 19:24 não apresenta a impossibilidade da salvação para os ricos, mas apenas as maiores dificuldades que eles terão de vencer, basta ler os versos 23 e 26.

Os três maiores perigos das riquezas, de acordo com William Barclay, ao comentar Mateus 19:24 são estes:

- a) As posses numerosas fomentam uma falsa independência. Quem tem bens materiais é inclinado a pensar que pode vencer qualquer situação inesperada. O dinheiro leva a pessoa a pensar que pode comprar o caminho da felicidade, bem como aquele que o livrará da dor. Pensa ainda que pode afastar todas as dificuldades sem Deus.
- b) As riquezas prendem as pessoas a este mundo. “Porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 6.21). Se tudo o que o homem deseja pertence a este mundo, se todos os seus interesses estão centralizados aqui, nunca pensa em ir ao mundo do além. Apegado demasiadamente a Terra é possível esquecer que há um Céu.
- c) As riquezas tendem a fazer a pessoa egoísta. Por mais que possua é natural ao homem desejar um pouco mais. O suficiente é sempre um pouco mais do que se tem. A pessoa que chegou a desfrutar do luxo e da comodidade sempre tende a temer viver sem eles. A vida se converte em uma luta cansativa para reter o que se possui. O resultado é que quando o homem enriquece, em lugar de sentir o impulso de dar, só experimenta o desejo de prender-se às coisas. O seu instinto o leva a possuir mais e mais, em busca da segurança, que crê, as coisas lhe possam dar.

O perigo das riquezas é que estas levam o homem a esquecer que perde o que retém e ganha aquilo que dá aos outros.

Há, na verdade, TRÊS interpretações sobre o dito de Jesus em Mateus 19. 24; algumas se tornaram tradicionais, mas foram formadas durante os séculos posteriores do cristianismo e, portanto, precisam ser rejeitadas. Vamos conhecê-las para que possamos entender qual a melhor explicação para a frase.

9.1

Primeira interpretação

Essa interpretação tem sido a mais propagada nos últimos séculos, mas carece de fundamentação exegética, histórica e teológica, podendo trazer distorções no significado do dito de Jesus. Essa interpretação diz o seguinte: no Oriente Antigo, as caravanas com seus camelos viajavam por dias, e muitas vezes chegavam de noite com suas cargas até as cidades onde seriam comercializadas suas cargas. Eram proibidos de entrar nas cidades, que eram muradas, mas tinham passagens estreitas por onde os camelos poderiam passar, mas por serem tão estreitas, não permitiam que os camelos entrassem com suas cargas. Isso existiria para que eles pudessem beber água, pois muitas vezes andavam dias e dias pelos desertos sem verem uma gota de água, e até os camelos sentem sede.

Então seus donos retiravam as cargas de suas costas para que eles pudessem passar de joelhos pelo “buraco da agulha”, uma passagem própria para camelos, nas muradas das cidades. O comércio precisava ser à luz do dia, pois a fiscalização teria que verificar a natureza da mercadoria e arrecadar os impostos, sendo proibida assim, a venda durante a noite. Em analogia a isso, a pessoa poderia ter os bens que fosse, que para entrar no céu, teria que se despir de toda a sua riqueza.

Ao se colocar a expressão “fundo de agulha” como se referindo a um pequeno portão para pedestres em Jerusalém pelo

qual os camelos só poderiam passar de joelhos, contraria-se o verdadeiro sentido do ensino de Jesus e isso também porque essa teoria não possui nenhuma prova histórica.

Como essa teoria tão aceita hoje foi formada? Tomás de Aquino apresenta um comentário sobre Anselmo (observe a data, 1033-1109 d.C.) declarando que este autor afirma que em Jerusalém havia certa porta, chamada “fundo de agulha” pela qual um camelo só passava se entrasse de joelhos, depois de lhe ser retirada toda a carga. Existem muitas outras vagas citações, mais ou menos idênticas à seguinte: Lorde Nugent ouviu falar, faz muitos anos em Hebrom de uma entrada estreita para os que passavam a pé, ao lado da porta grande e que se denominava “o fundo de uma agulha”.

Talvez um dos livros que mais contribuiu, para que esta ideia se generalizasse foi *Memórias de um Repórter dos Tempos de Cristo* do Padre Carlos Heredia, onde ele faz menção a esta porta estreita chamada “fundo de uma agulha”. Devemos notar bem que o próprio autor nos adverte no prólogo, que sua obra é uma novela.

No século quinze foi tentado o oposto, o fundo de agulha foi aumentado pela referência a um pequeno portal, que era usado por viajantes a pé ao entrarem em uma cidade murada, pelo qual um camelo poderia passar ajoelhado, depois de removida a sua carga. Isto mudou o impossível para o possível e tornou-se atrativo porque sugeria que, como o camelo tinha de deixar sua carga e arrastar-se sobre seus joelhos, assim o homem rico teria que desprender-se de suas riquezas ou de seu amor por elas e humilhar-se sobre seus joelhos.

Mas como em Mateus 23.24 Jesus tinha em mente um mosquito e um camelo reais, assim aqui camelo e fundo de agulha são reais. O livro *Jóias do Novo Testamento Grego*, de Ken-

neth Wuest, diz que alguns têm imaginado que o buraco da agulha referido fosse uma portinhola, no muro de Jerusalém, através do qual pudesse finalmente passar um camelo, depois de muitos puxões e empurrões. No entanto, o grego de Mateus 19.24 e de Marcos 10.25 fala de uma agulha usada com linha, enquanto que o de Lucas 18.25 usa o termo médico que indica uma agulha usada nas operações cirúrgicas. A palavra grega usada por Mateus (19.24) é “**rhafis**” = agulha de costura; enquanto Lucas por ser médico empregou “**belone**” = agulha cirúrgica.

Lembre-mos que Lucas era médico e Marcos ouvia as histórias de Pedro que era pescador e usava agulhas com linhas para consertar as redes. Se eles usam a palavra agulha usando termos técnicos de suas próprias profissões, é mais do que evidente que no texto não é considerada nenhuma portinhola, mas sim, o pequeno orifício de uma agulha de costura. Portanto, a interpretação popular em certos círculos de que o fundo de uma agulha é uma pequena porta dentro do portão de uma cidade é inteiramente sem fundamento. A alusão, conseqüentemente, não deve ser explicada como se referindo a uma porta estreita chamada o fundo de uma agulha.

Segundo o comentarista Broadus, esta explicação nada mais é do que uma conjectura sugerida da seguinte observação alegórica de Jerônimo, o qual diz que assim como os camelos de Midiã e Efá (Is 60.6), vindos com dádivas, torcidos e apertados entravam pelas portas de Jerusalém, assim os ricos podem entrar pela porta estreita despojando-se de sua carga de pecados e de toda a deformidade corporal.

9.2

Segunda Interpretação

Esta interpretação diz que se trata de uma citação bíblica inexata, devido a um erro de tradução. O texto grego original não mencionaria um camelo (kámelos), mas uma corda grossa (kámilos). Quando foi traduzida para o latim, a palavra kámilos teria sido confundida com kámelos, pois a única diferença no grego seria um iota subscrito. Assim, o erro teria sido perpetuado em todas as línguas em que a Bíblia foi traduzida posteriormente.

Por conseguinte, teria havido uma substituição da palavra grega – **kámilos** – corda grossa, cabo, para **kámelos** – o animal. É fato que alguns poucos manuscritos cursivos substituem **kámelos** por **kámilos**, mas isto é evidentemente um erro, um mero esforço para solucionar uma dificuldade do texto. Lenski, na sua obra *The Interpretation of St. Mathew's Gospel*, confirma que antes do quinto século **kámelos** não foi mudado para **kámilos**. Outro renomado comentarista Henry Alford na obra *An Exegetical and Critical Commentary*, volume 1, acrescenta que nenhuma alteração para **kámilos** é necessária ou admissível. Esta palavra, com o significado de corda ou cabo, parece ter sido inventada para escapar da dificuldade encontrada no próprio texto.

O *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* da Editora Vozes de Petrópolis corrobora as declarações anteriores quando assevera que, sem muito fundamento, autores mais recentes quiseram ler **kámilos**, corda grossa, em vez de **kámelos**, alegando que no Talmud se encontram expressões análogas e que no tempo bizantino essas duas palavras pronunciavam-se da mesma maneira.

A Crítica Textual nos esclarece que algum copista, séculos depois de Cristo fez a substituição para **kámilos**. Este fato apareceu em apenas alguns manuscritos cursivos, isto é, minúsculos. A prova de que Cristo usou a palavra camelo, nós a temos no fato de que assim aparece nos primitivos manuscritos e nas primeiras traduções da Bíblia, como a *Menfítica*, Latina e *Peshita*. Em Marcos 10.25 a evidência textual parece ser unânime em favor de **kámelos** (camelo). No tocante às duas analogias sinóticas, um punhado de minúsculos e a Versão Armênia atestam **kámilos** (corda) em Mateus 19.24, bem como o fazem um mais recente uncial e uns poucos minúsculos em Lucas 18.25. Em todos os três lugares a evidência é esmagadora em favor de “camelo”, e isto é reconhecido pela maioria das traduções.

Os poucos escribas ou editoras que substituíram “camelo” por “corda” podem ter sido inconscientemente influenciados pelo desejo de fazer a entrada de um rico no reino de Deus levemente menos difícil do que nosso Senhor disse que era.

9.3

Terceira Interpretação

Se as duas interpretações anteriores possuem enormes problemas e dificuldades para se fundamentarem, é plausível afirmar que deva haver outra explicação mais convincente. No entanto, a simples negação das hipóteses anteriores nada prova a esse respeito. A terceira interpretação do dito de Jesus é a única explicação defensável e a única que possui argumentação convincente e lógica.

Essa interpretação diz que tanto o camelo, como o fundo da agulha devem ser compreendidos literalmente. Não é necessário sugerir que camelo poderia significar uma corda, ou que o fundo de agulha era um nome, às vezes, dado a um pequeno portão lateral para passageiros a pé. Nenhum expositor antigo adota este método de explanação, mas toma o fundo de agulha em sentido literal, como podemos crer que Cristo fez.

Para explicar o que Jesus quer dizer é inútil e injustificado tentar mudar camelo para cabo ou corda grossa, onde um camelo real deve ter sido empregado – ou definir o fundo de agulha como o portão estreito no muro de uma cidade, através do qual um camelo pode passar apenas de joelhos e depois de ter sido removida sua carga.

Jesus Se valeu de uma ilustração, que já existia em forma de provérbio no seu tempo, como prova o Talmud. Em Babilônia, nesta mesma época, havia uma frase idêntica, apenas com a

seguinte variante: “É mais fácil um elefante passar pelo fundo de uma agulha.” Como na Palestina o maior animal conhecido era o camelo, o ditado tomou a forma usada por Jesus.

A explicação que o fundo de uma agulha se refere a uma porta menor aberta no painel de uma grande porta da cidade pela qual os homens podiam passar quando a grande porta estava fechada para o tráfego principal, originou-se nos séculos depois dos dias de Cristo. Não há, portanto, nenhum fundamento para tal explicação, embora ela possa parecer plausível. Jesus está tratando com impossibilidades (v. 26) e não há nenhum apoio para se defender uma explicação pela qual se possa traduzir como possível o que Jesus especificamente salientou como impossível.

Cristo, na verdade, estava usando esse provérbio que era uma hipérbole, figura que se caracteriza pelo exagero, com o objetivo de despertar a atenção dos ouvintes, para melhor fixar o fato na memória.

A informação de uma porta estreita se espalhou pelo mundo por influência de suposições e de relatos não fidedignos. O seguinte princípio exegético não deve ser esquecido por nós: devemos ser bastante cuidadosos para não tirar do texto o que seu autor nunca tencionou dizer. E os autores não estão falando de que é apenas difícil um rico entrar no Reino de Deus; estão falando que é impossível, pois foi assim que os discípulos entenderam.

Portanto, as palavras de Jesus “passar um camelo pelo fundo de uma agulha” são uma expressão proverbial semelhante a várias outras usadas no mundo antigo para descrever uma impossibilidade. Alguns comentaristas bíblicos procuraram minimizar o efeito paradoxal da expressão “passar um camelo pelo fundo de uma agulha” reinterpretando o significado dos

termos “camelo” e “fundo de uma agulha”. Mesmo na literatura judaica posterior aparecem alusões ao “elefante” como incapaz de passar pelo fundo de uma agulha. Sendo que os discípulos estavam bem mais familiarizados com o camelo do que com o elefante, Cristo decidiu contrastar o maior dos animais da Palestina (o camelo) com o menor dos orifícios conhecidos na época (o fundo de uma agulha).

As tentativas de interpretar o “camelo” como um cabo e o “fundo de uma agulha” como uma portinhola acabam enfraquecendo, portanto, a força do argumento de Cristo. O texto de Mateus 19.16-30 deixa bem claro que o propósito de Jesus era levar Seus discípulos a entender a completa impossibilidade de alguém, semelhante ao jovem rico, ser salvo enquanto ainda apegado às suas riquezas. O problema não está nas riquezas em si, mas no apego indevido a elas.

Muitos concluem que se o texto era um dito proverbial usado por Jesus, então os ricos não poderão entrar no reino dos Céus, desde que um camelo jamais passará pelo fundo de uma agulha. O contexto nos mostra, entretanto, que os impossíveis para os homens, tornam-se possíveis para Deus. O próprio Jesus afirma isso no final do assunto. Quando o ser humano aceita o convite à renúncia de si mesmo (Mt 16.24-26), aquilo que é “impossível aos homens” se torna possível ao poder transformador da graça divina (Mt 19.26).

O que Jesus realmente queria demonstrar ao proferir essa frase (mais fácil é fazer passar um camelo pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus) é que, a espiritualidade e tudo o que tem a ver com a relação do homem com o seu Criador, é antagônico ao materialismo e ao apego aos bens materiais. Um homem rico dificilmente se despojará dos seus bens em troca da busca da espiritualidade, por isso mesmo a

palavra usada foi em referência ao animal. Assim, isso poderia ser lido como uma simbologia de que até mesmo um animal tão corpulento como o camelo poderia até passar pelo buraco de uma agulha (algo em princípio bem minúsculo) ao passo que um homem rico dificilmente escolheria a pobreza material ao invés da riqueza espiritual.

Os judeus tinham noções erradas sobre os ricos e os pobres, Inclonavam-se a pensar que a prosperidade era a prova máxima do favor divino e um símbolo das bênçãos de Deus; iam mesmo além em suas conjecturas, pois criam que era mais fácil a salvação para os ricos do que para os pobres. Cristo teve que desarraigar estas conclusões erradas, por isso O vemos antes deste incidente com o moço citar a parábola do Rico e Lázaro, onde o rico vai para a perdição e o pobre para a salvação. Longe de nós a conclusão simplista de que os ricos vão se perder, e de outro lado os pobres se salvarão! O ensinamento bíblico de acordo com esta passagem é este: É mais difícil para um rico ser salvo do que para um pobre. As riquezas podem ser perigosas para aqueles que as possuem.

O sentido do ensinamento do Mestre, objetiva dar a entender que um rico egoísta, perdulário, que apenas cuida de si, sem se interessar pela sorte do seu próximo, jamais encontrará no além-túmulo a acolhida e os benefícios reservados àqueles que cumprem seus deveres na Terra, que são os chamados bons ricos, que sabem fazer com que seus bens materiais — a fortuna transitória que Deus lhes confiou — produzam bens coletivos que venham a redundar numa maneira de amealhar tesouros nos céus, onde a ferrugem não ataca e onde os ladrões não roubam, segundo o dizer judicioso dos Evangelhos.

Seria lógico e mesmo anticristão se afirmar que os ricos não conseguem sua redenção espiritual. A criatura humana deve

saber desvencilhar-se da avareza, do egoísmo e da prepotência, sabendo aplicar sua fortuna em benefício da coletividade, fazendo com que as pessoas que vivam na sua dependência também desfrutem de bem-estar, de instrução, de saúde e de outros bens. O bom rico é aquele que, além de socorrer os mais necessitados, sabe propiciar conforto àqueles que por imperativo das circunstâncias estejam sob a sua dependência.

E óbvio que a riqueza material representa uma prova mais suscetível de originar arrastamentos, muito mais perigosa do que a pobreza, por suas consequências, pelas tentações que suscita, pelo fascínio que exerce, pois, indubitavelmente, ela representa um supremo excitante do orgulho, da vida sensual, além de representar um dos mais robustos laços que prendem o homem às coisas da Terra, desviando seus pensamentos das coisas de ordem espiritual.

É extremamente comum ver pessoas que passam da pobreza à riqueza tornarem-se egoístas, esquecendo-se com facilidade daqueles que as ampararam, colocando um véu sobre a antiga posição, convertendo-se assim em autênticos egoístas, fúteis e avarentos. Em suma, a riqueza não vigiada representa um caminho árido e difícil de ser palmilhado, pois o apego aos bens terrenos é um empecilho para a conquista das coisas do Espírito.

Nos Evangelhos deparamo-nos com dois ensinamentos bastante edificantes: Um deles nos é propiciado pelo moço rico da passagem estudada (Mateus, 19) que, ao indagar de Jesus qual era o caminho certo para a vida eterna, recebeu do Mestre o esclarecimento de que primeiramente era imperioso cumprir a Lei de Deus. Ao retrucar que cumpria todos os mandamentos, recebeu generoso convite de Jesus para que se despojasse dos seus bens materiais e o seguisse. Entre o abandono da sua for-

tuna material e a conquista de um tesouro nos céus, o moço vacilou e preferiu continuar com seus bens terrenos, afastando-se contristado, o que mereceu o ensinamento do Senhor sobre o camelo e a agulha.

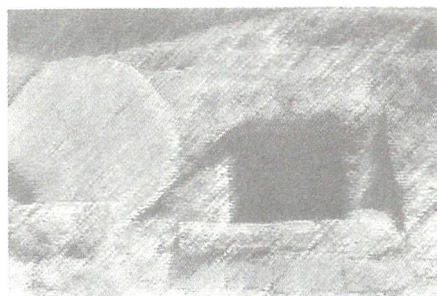
O outro ensinamento nos foi dado por Zaqueu, um riquíssimo publicano que, ao receber a visita de Jesus, ajoelhou-se aos seus pés e, numa exaltação interior, numa explosão de júbilo, exclamou: “Senhor, hoje mesmo darei a metade da minha fortuna aos pobres, e se porventura defraudei alguém, exorbitando no exercício do meu cargo, irei retribuir com uma quantia quatro vezes maior!”, decisão essa que recebeu de Jesus a seguinte observação: “Zaqueu, hoje entrou a salvação em sua casa”.

Enquanto o moço rico, apegado aos seus bens terrenos não quis trocar sua fortuna material por um tesouro imperecível nos planos espirituais, o publicano Zaqueu, num gesto de exaltação espiritual, numa manifestação de contentamento interior, ao receber a visita de Jesus em sua casa, deliberou distribuir metade dos seus bens entre os pobres, retribuindo com uma quantia quatro vezes superior, àqueles de quem as havia extorquido, merecendo a assertiva de Jesus já citada acima.

Cristo espera que Seus filhos não vejam as posses como o único objetivo de trazer-lhes comodidade e conforto, mas como um privilégio outorgado por Deus para converter-se numa bênção aos mais carentes.

10.

COMO EXPLICAR TRÊS
DIAS E TRÊS NOITES
SE JESUS MORREU NA
SEXTA E RESSUSCITOU
NO DOMINGO?



É possível que para muitos a resposta a essa pergunta já esteja decorada, e normalmente seja mencionada a sexta-feira da semana chamada santa. Contudo, a explicação não é tão simples assim.

É importante fazer uma análise muito mais atenta dos relatos bíblicos e das profecias acerca da morte e da ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, bem como entender como os dias eram contados naquela época. Além disso, é extremamente necessário perguntar o que realmente Jesus quis dizer realmente com a comparação feita de seu sofrimento com o fato de Jonas ficar três dias e três noites no ventre do grande peixe. Normalmente, existem três posições entre os estudiosos bíblicos sobre o assunto:

10.1

Jesus teria morrido na quarta-feira

Alguns estudiosos colocam em total descrédito a afirmação de que Jesus teria sido morto na sexta-feira, por mais alicerçada na tradição que isto esteja. Advogam a ideia de que, através dos textos bíblicos, o Senhor Jesus ficou três dias morto antes de ressuscitar, conforme o relato bíblico de Mateus 12.40 que diz: “Pois, como Jonas esteve **três dias e três noites** no ventre do grande peixe, **assim estará** o Filho do homem **três dias e três noites no seio da terra.**” Ora, se a Sua crucificação ocorreu na sexta-feira, não foi possível Ele estar morto durante três dias antes da Sua ressurreição, visto que esta deu-se no primeiro dia da semana, ou seja, o domingo. Há outros textos usados por esses estudiosos como os descritos abaixo:

*“E começou a ensinar-lhes que importava que o Filho do homem padecesse muito, e que fosse rejeitado pelos anciãos e príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas, e que fosse morto, mas que depois de **três dias** ressuscitaria.”* (Mc 8.31).

*“Jesus respondeu, e disse-lhes: Derribai este templo, e **em três dias** o levantarei. Disseram, pois, os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este templo, e tu o levantarás em **três dias**? Mas ele falava do templo do seu corpo.”* (Jo 2.19-21)

A argumentação dessa linha de pensamento é a seguinte: mesmo que sejam contados os dias pelos seus nomes: sexta-feira, sábado e domingo, e daí se diga: “Temos três dias!”,

isso não corresponderia, segundo eles, aos relatos e nem às profecias bíblicas, posto que as profecias estariam falando de três dias completos de 24 horas.

Alegam que, considerando também o relato das ações das mulheres depois da morte do Senhor Jesus, não teria sido a sexta-feira o dia de Sua morte, mesmo a Bíblia falando que fora na véspera do Sábado. Enfatizam que para o judeu, qualquer dia da semana poderia ser véspera do sábado, pois o sábado era para o judeu, qualquer dia de feriado e não necessariamente o sábado, sétimo dia da semana. Por isso, dizem, para nós, véspera do Sábado é obrigatoriamente a sexta-feira, mas não para o judeu.

Analisando o relato de Lucas 23.54-56 “E era o **dia da preparação, e amanhecia o sábado**. E as mulheres, que tinham vindo com ele da Galileia, seguiram também e viram o sepulcro, e como foi posto o seu corpo. **E, voltando elas, prepararam especiarias e unguentos; e no sábado repousaram**, conforme o mandamento”. Os defensores da ideia de que Jesus não morreu na sexta-feira dizem que se tem nestes versículos a descrição de dois sábados: um o sábado que era o dia após o dia da preparação, (feriado); e o outro, o sábado dia da semana, no qual está especificado que elas repousaram, obedecendo o mandamento.

Poderia haver outros “sábados” que não fossem necessariamente o sétimo dia da semana, desde que Deus também tivesse ordenado que fosse de cessação dos trabalhos. No caso em pauta, que é o dia da preparação ou primeiro dia da Festa dos Asmos, Deus determinara cessação dos trabalhos nele: “*E aos quinze dias do mesmo mês haverá festa; por sete dias se comerão pães ázimos. No primeiro dia haverá santa convocação; nenhum trabalho servil fareis*” (Nm 28.17-18).

Ainda usam o texto de Marcos 16.1 para sua argumentação:

“E, **passado o sábado**, Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, **compraram aromas para irem ungi-lo.**” Assim, este sábado é o dia após o dia da preparação, o qual, havendo passado, deixou as mulheres em condições de irem comprar aromas e preparar as especiarias para irem ungir o corpo do Senhor Jesus. Ou seja, se o Senhor Jesus morreu na sexta, e as mulheres descansaram no sábado, conforme o mandamento, em que dia da semana elas teriam comprado os aromas e preparado as especiarias para irem ungi-lo? Já que elas foram ao sepulcro no amanhecer do primeiro dia da semana, ou seja, o Domingo? A conclusão a que chegam é que ficaria faltando este dia.

Assim, apregoam que os textos bíblicos clara e irresistivelmente demolem a teoria de que Cristo morreu numa sexta-feira. Se tivesse sido assim, Ele teria ficado no seio da terra somente duas noites (da sexta para o sétimo dia e do sétimo dia para o domingo) e um dia apenas. Portanto, segundo a compreensão desse ponto de vista, Cristo teria errado ou mentido ao proferir a profecia acima, e não poderia ser Deus, uma vez que é impossível que Deus minta ou erre!

Consequentemente os que não acreditam que Jesus morreu na sexta-feira analisam duas únicas outras possibilidades:

a) **A crucificação na quinta-feira** (se o dia de repouso, correspondente ao 1º dia dos Asmos, caiu numa sexta-feira). Neste caso, as três noites seriam: a da quinta-feira para a sexta-feira, a da sexta-feira para o sétimo dia, e a do sétimo dia para o domingo; e, os três dias (períodos de luz do sol) não seriam completos, mas seriam aproximadamente assim: o finzinho da tarde da quinta-feira, o embalsamamento do corpo do

Senhor e o lacramento da pedra-porta do túmulo, teriam que ter sido feitos antes do anoitecer; todo o dia (período de luz de sol) do sétimo dia; e o comecinho do dia (período de luz do sol) do domingo.

Isto acarreta dois problemas incontornáveis para a questão que são impossíveis de resolver. O primeiro problema é que Cristo teria ficado sob o seio da terra desde algo depois das três da tarde da quinta-feira, até pouco depois do raiar do sol do domingo, no máximo 62 a 64 horas.

O segundo problema, de gravidade irresistível, é que João, o apóstolo, diz que Cristo já ressuscitara quando ainda era escuro: *“E no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra tirada do sepulcro”* (Jo 20.1).

Assim, não houve sequer o comecinho do dia (período de luz do sol) do domingo"! Então, dentro dessa perspectiva, fica definitivamente incongruente a teoria da crucificação na quinta-feira.

b) **A crucificação na quarta-feira** (se o dia de repouso, correspondente ao 1º dia dos Asmos, caísse numa quinta-feira): Os partidários de que Cristo não morreu na sexta-feira analisam a cronologia a seguir, e de acordo com eles a crucificação na quarta-feira se encaixaria natural e perfeitamente com os relatos do Novo Testamento:

- Cristo morreu na quarta-feira;
- A tumba, após o longo embalsamamento do corpo de Cristo, foi fechada e lacrada provavelmente próximo ao raiar do sol da quinta-feira. Para essa interpretação é exatamente no instante do fechamento da tumba que começaram os três dias e três noites profetizados em *Mateus 12.40*.

A explicação dada por esta escola de interpretação é que estar no seio da terra pode significar estar totalmente envolto por ela, profundamente sob ela, fechado por ela, a porta fechada; assim, os 3 períodos de 24 horas somente são contados entre o fechamento da porta e a saída de Jesus ressuscitado;

– Cristo teria ressuscitado 72 horas depois do lacramento da porta, provavelmente próximo ao raiar o sol do domingo; logo após, retirou-se atravessando a pedra do monte ou da porta; só depois a pedra-porta do túmulo foi removida (não para dar passagem ao corpo glorificado de Cristo, que podia atravessar matéria, mas sim para os soldados verem o milagre; e para as mulheres, Pedro e João verem o túmulo vazio e até entrarem nele, para testificarem).

Assim, as três noites, totalizando 36 horas, podem ter sido: a da quinta-feira para a sexta-feira (18:00 às 6:00 horas = 12 horas); a da sexta-feira para o sétimo dia (18:00 às 6:00 horas = 12 horas); e a do sétimo dia para o domingo (18:00 às 6:00 horas = 12 horas). E os 3 dias (períodos de sol), totalizando 36 horas, podem ter sido: o da quinta-feira (6:00 às 18:00 horas = 12 horas); o da sexta-feira (6:00 às 18:00 horas = 12 horas); e o do sétimo dia (6:00 às 18:00 horas = 12 horas).

Afirmam que tudo isto casaria com o fato de que, segundo complexos relacionamentos das mudanças de calendário e cuidadosos cálculos astronômicos (a páscoa dependia do ciclo lunar) os mais cuidadosos estudiosos determinaram que o dia 15 do mês de Nissan do ano 32 (começo da festa dos Asmos) foi uma quinta-feira, mas foi também um sábado (dia santificado para cessação de trabalhos e repouso, por ser o primeiro dia da festa dos pães asmos). De modo que o dia da quarta-feira, sua véspera, podia ser legitimamente chamado de “véspera do sábado”.

Mas, será mesmo que Cristo morreu no ano 32? Se ele nasceu alguns anos antes do que hoje se considera o ano 1 d.C. é muito provável que Ele tenha morrido lá pelo ano 27 ou 28, talvez 29 d.C.

Em suma, essa primeira interpretação afirma peremptoriamente que se Cristo disse que Ele estaria três dias e três noites no seio da terra, então Ele esteve três dias e três noites no seio da terra. E já que Ele ressuscitou ao primeiro dia da semana, que é o domingo, então Ele não morreu na sexta-feira, mas sim, na quarta-feira para ficar 72 horas no seio da terra.

10.2

Jesus teria morrido na Sexta-Feira

Essa é a interpretação tradicional que a Igreja tem perpetuado por séculos. Jesus quando cita Jonas 1.17 em **Mateus 12.40**, emprega a frase “três dias e três noites”. A pergunta quanto ao tempo que Jesus permaneceu na sepultura por aqueles que advogam que Ele morreu na quarta-feira surgiu de uma incompreensão moderna da chamada “**contagem inclusiva**”, método comum na Antiguidade, segundo o qual se contava tanto o dia (ou ano ou mês) no qual começava um período, quanto o dia em que terminava, não importando quão pequena fosse a fração desse dia (ou ano ou mês) inicial ou final. **EXEMPLO:** uma criança nascida no dia 15 de dezembro de 1995, ao chegar o dia 31 de dezembro de 1995, para os judeus teria um ano e não quinze dias; e a partir do dia 1º de janeiro, já contava dois anos. Eis alguns exemplos bíblicos:

- a) No livro de **2 Reis 18.9-10**, lemos o seguinte: *“No quarto ano do rei Ezequias que era o sétimo ano de Oséias, filho de Elá, rei de Israel, Salmanasar, rei da Assíria, subiu contra Samaria, e a cercou e, ao fim de três anos, tomou-a. No ano sexto de Ezequias, que era o ano nono de Oséias, rei de Israel, Samaria foi tomada”*. Observe que Salmanasar subiu contra Samaria no quarto ano de Ezequias, e a tomou no ano sexto. Hoje, nós diríamos que Salmanasar levou dois anos para tomar Samaria ($6 - 4 = 2$), porém o texto bíblico diz que foi *“ao fim de três anos”*. Ou seja, pelo método da contagem inclusiva, foram contados o 4º, 5º e 6º anos do reinado de Ezequias.
- b) A Bíblia dá vários períodos de “três dias” que concluíram DURANTE o terceiro dia, e NÃO DEPOIS do terceiro dia, e que, portanto, não eram períodos de três dias completos de 24 horas. Veja **Gênesis 42.17-29**; conferir **1 Reis 12.5, 12** com **2 Crônicas 10.5 e 12**.
- c) Deus declara no Antigo Testamento que Israel deve servir os egípcios por 400 anos, e diz a Abraão: “Saiba que a tua descendência será peregrina em terra não o deles, e eles devem levá-los à escravidão e afligida por quatrocentos anos” (Gn 15.13). Considerando que se você levar em conta o tempo todo depois que Deus falou, eles são mais de 400; mas se contarmos o tempo em que eles estavam em escravidão, eles são menos de 400 anos.

E ao dar esse período de fato, a menos que você entenda desta forma, devemos pensar que a Palavra de Deus mentiu. Mas desde que a partir do momento da enunciação divina, todo o período de suas vidas ascendeu a mais de 400 anos, e sua escravidão vigorou não por cerca de 400, você deve entender que a parte deve ser tomada pelo todo, ou o todo pela parte, como era o costume da contagem do tempo naquela cultura.

Há vários exemplos desta “contagem inclusiva”, não somente entre os judeus, mas também entre outros povos da Antiguidade. Esse sistema era comum no Egito, Grécia e Roma, e ainda é usado hoje no Extremo Oriente. Em alguns países do Oriente se computa a idade dando à pessoa um ano mais do que se dá no Ocidente. Assim um coreano que diz ter 25 anos tem somente 24 anos de acordo com a contagem ocidental. Segundo o cômputo chinês, um menino que nasce na última parte do ano tem dois anos no ano seguinte, pois está vivendo o segundo ano de sua vida, conforme o calendário; e no começo do ano seguinte completará três anos de vida mesmo que só um desses anos seja um ano completo. Os gregos chamavam a Olimpíada, que se realizava de quatro em quatro anos, de **pentaeteris** (período de cinco anos).

Como o costume de empregar o cômputo está muito bem comprovado por seu uso entre os hebreus, em outras nações antigas no Oriente e até nos tempos modernos, parece muito pouco razoável entender as palavras de Jesus Cristo quanto ao período de três dias segundo o nosso método matemático moderno ocidental. Os ouvintes de Jesus contaram os “três dias e as três noites” segundo o seu costume, em forma sucessiva: sexta-feira, sábado e domingo.

Aqueles que se apegam a detalhes para questionarem as sólidas doutrinas cristãs gostam de se arrogar o zelo de estarem sendo inteiramente fiéis às palavras do próprio Cristo e usam este argumento para dizerem que se Ele morresse na quarta-feira é que tal afirmativa seria verdadeira. No entanto, esse argumento é fragilíssimo, pois não leva em conta uma pergunta muito importante em matéria de interpretação bíblica: para quem estavam sendo dirigidas aquelas palavras? Como eles a entenderiam, levando-se em conta a cultura daquela época e a forma de se contar os dias, meses e anos?

Devemos acima de tudo lembrar que o dia para os judeus começa ao pôr-do-sol (18:00) e termina ao outro. A noite vai das 18:00 até o levantar do sol, o dia vai do levantar do sol até o pôr-do-sol, que começa outro. E o período de 24 horas, ou seja, 18:00 às 18:00 também é chamado de dia. Na verdade os “3 dias e 3 noites” equivalem a 3 dias, e não precisam ser contados segundo nossa forma cultural, que teria que dar literais 3 dias literais e 3 noites literais. Assim, por exemplo, ao amanhecer até 18 horas (dia) seria de modo completo que valeria a expressão “um dia e uma noite”, ou seja, não seria preciso 18:00 às 18:00 (dia e noite completa) ou parte da noite e parte do dia para a expressão “um dia e uma noite” poder ser usada.

É isso que explica o Rabi Eleazar Bar Azaria (100 d.C.): “um dia e uma noite fazem um ‘yom’ (24 horas), mas um ‘yom’ começado, vale um ‘yom’ inteiro”. O Talmude de Jerusalém, também concorda: “Temos um ensino: um dia e uma noite são um Onah e a parte de um Onah é como o total dele” (Mishnah, Tractate, “J. Shabbath”, Capítulo IX, Parte 3).

No caso do dito de Jesus é um modo cultural de expressão; então, “3 dias e 3 noites” poderiam valer para parte de sexta, sábado completo e parte do domingo. Logo, os cálculos literalistas de 72 horas não são necessários e não servem de prova para nada.

Temos outro caso em o Novo Testamento do qual para entender é preciso conhecer antes a contagem dos dias para os judeus. Veja a diferença entre Lucas e os demais evangelistas sinóticos:

“Passados uns oitos dias, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e subiu ao monte para orar.” (Lc 9.28)

“Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e conduziu-os à parte a uma alta montanha.” (Mt 17.1)

“Seis dias depois, Jesus tomou consigo a Pedro, Tiago e João, e conduziu-os a sós a um alto monte.” (Mc 9.2)

Os Pais da Igreja, que viveram bem próximos ao tempo da morte de Cristo entendiam dessa forma. Inácio (35-110), Irineu (130-202), João Crisóstomo (349-407), Atanásio (295-373), Cirilo de Jerusalém (313-386) Agostinho (354-430), Sulpício Severo (363-425), Jerônimo (347-420). Todos eles se referiam ao versículo de Mateus 12.40 sem nenhum problema, pois tinham conhecimento sobre a cultura judaica não apenas nessa questão da contagem de dias, meses e anos, mas em outras questões também. Nenhum deles pôs em dúvida o fato de que Cristo morreu realmente na sexta-feira.

Santo Agostinho (354-430) dá explicações sobre o assunto: “A quinta regra de Tichonius se aplica de duas maneiras: ou a figura de linguagem chamada sinédoque ou aos números legítimos. A figura sinédoque ou coloca a parte pelo todo, ou o total a parte. Como, por exemplo, em referência ao momento em que, na presença de apenas três dos seus discípulos, nosso Senhor foi transfigurado no monte, assim que o seu rosto resplandeceu como o sol, e seu vestido era branco como a neve, um evangelista diz que este evento ocorreu ‘depois de oito dias’ (Lucas 9.28), enquanto os outros dizem que ocorreu ‘depois de seis dias’. Agora, ambas as afirmações sobre o número de dias não pode ser verdade, a menos que suponhamos que o escritor que diz que “depois de oito dias”, contou a última parte do dia em que Cristo pronunciou a previsão e a primeira parte do dia em que ele mostrou a sua realização em dois dias inteiros, enquanto os escritores que dizem que “após seis dias”, contam apenas os dias inteiros ininterruptos entre os dois. Esta figura de

linguagem, o que coloca a parte pelo todo, explica também a grande questão sobre a ressurreição de Cristo. Por menos que a última parte do dia em que Ele sofreu nós a juntamos a noite anterior, e contamos como um dia inteiro, e à última parte da noite em que ele surgiu nós unimos ao dia do Senhor, que estava apenas começando, e contamos também um dia inteiro, não podemos fazer os três dias e três noites, durante a qual ele predisse que ele seria, no coração da terra“. (A Doutrina Cristã – Livro III, capítulos 35,50)

Ou seja, não resta a menor dúvida, para o estudante sério e sincero da Palavra de Deus, que o nosso Senhor morreu mesmo no dia que hoje chamamos de "sexta-feira", permaneceu todo o sábado na sepultura, e ressuscitou nas primeiras horas do dia que hoje chamamos de "domingo". Para seus ouvintes, este fato não causou o menor problema com relação à citação que Jesus fez de Jonas, pois em ambos os casos, os envolvidos passaram TRÊS DIAS E TRÊS NOITES "sepultados" (um no ventre do peixe, e o Outro na tumba).

10.3

Jesus teria morrido na sexta-feira, mas o significado dos 3 dias e 3 noites é outro

Há uma interpretação surgida no século XX que interpreta o dito de Jesus de forma diferente. O significado de “três dias e “três noites no seio da terra” não se referia ao tempo em que Jesus ficou na sepultura. Há uns poucos estudiosos que fazem uma interpretação mais espiritualizada e deixam de lado a discussão principal que se tem formado a respeito do tema.

De acordo com este ponto de vista as pessoas imediatamente tentam fazer alguns cálculos a respeito do dia da morte de Cristo e ficam embaraçadas. Se Jesus morreu na sexta-feira, como diz a tradição cristã, ele teria passado a noite de sexta-feira no túmulo, o dia e a noite de sábado e ressuscitado no domingo. Bem, isso significaria duas noites e um dia. Aparece a mesma argumentação daqueles que advogam que Jesus morrera na quarta-feira, esquecendo-se do cálculo inclusivo apresentado no item anterior. Assim, de jeito nenhum é de três dias e três noites. Nessa busca insolúvel, segundo eles, muitas pessoas desistiram de sua fé na Bíblia, pois tentaram fazer um malabarismo total para solucionar o problema e não conseguiram.

Por isso, alguns autores tentam resolver a problemática de uma outra forma, sob um ângulo diferente. Haveria aqui no texto um grande equívoco sobre o significado de “coração da terra”. Dizem eles que todos estão assumindo que significa que é o túmulo, mas se deixarmos que a Bíblia explique a si mesma, em nenhum outro lugar na Bíblia é o coração da terra chamada de túmulo.

Quando Jesus disse que o príncipe deste mundo estava vindo, Ele estava falando do diabo. Quando Jesus disse, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, ou a baleia, assim o Filho do homem ficará três dias e três noites no coração da terra, Ele não estaria falando sobre o túmulo ou abóbada. Ele estava falando sobre o coração da terra no sentido das garras do mundo.

Dessa forma, cada vez que a multidão tentou destruir Jesus, com pedras ou jogá-lo fora de um penhasco através de todo o seu ministério, ele era intocável. Ele atravessou seu meio, desapareceu, tornou-se invisível, pois eles nunca foram capazes de prejudicá-Lo de modo algum, porque Ele estava sob sua proteção de pai. Mas na noite de quinta, no Jardim do Getsêmani quando Ele disse, muito concretamente, “Agora é a hora das trevas...”, então a multidão veio. Eles o amarraram, bateram nele, e ele começou a sofrer pelos pecados do mundo.

De acordo com essa interpretação, a argumentação é que Ele não começou a sofrer pelos pecados do mundo, quando Ele estava na cruz e os pregos traspassaram Sua carne. O sofrimento começou no Jardim do Getsêmani, onde Ele foi levado de um lugar para outro, espancado e surrado. Ele passou de Pilatos a Herodes e novamente a Pilatos. Ele passou de Caifás para Anás e volta à casa de Caifás. Ele estava apenas sofrendo em todo o lugar, durante esse período – e sendo ridicularizado e chicote-

ado. Tinha uma coroa de espinhos na cabeça e Ele estava sofrendo pelos pecados do mundo. Ele era um cativo do diabo da mesma forma que Jonas foi cativo do grande peixe. Foi nesse ambiente escuro e sem esperança por três dias e três noites, da mesma forma que Jesus esteve nas garras do mundo perdido, por três dias e três noites.

Assim, quando Ele orou pela terceira vez, “Não seja feita a minha vontade, mas a tua vontade”, e disse aos seus discípulos que eles poderiam dormir, porque agora é a hora das trevas – Ele teria deixado bem claro que aquele era o ponto de partida. A multidão veio. Ele disse a Pedro para guardar a espada, pois era para isso que Ele veio ao mundo. De quinta-feira à noite até o domingo de madrugada ele estava tomando a pena pelos nossos pecados, que é o castigo e a morte; não só a morte. E Ele sofreu e morreu, começando esse sofrimento na quinta-feira à noite, encerrando-se com a ressurreição no domingo de madrugada. Então esse seria o cerne do que mal-entendido. Não teria nada a ver com o túmulo em si.

Em suma, essa interpretação diz que o sinal dado por Jesus não foi que ele iria morrer e ressuscitar depois de três dias e três noites selado em uma tumba. Lázaro tinha acabado de nascer da morte em um túmulo após quatro dias e os fariseus que desejavam um sinal eram muito conscientes disso. Jesus não estaria querendo dizer que iria repetir este milagre, por menos dias, e oferecê-lo como um sinal. Ao contrário, o sinal era muito mais do que ressuscitar dos mortos depois de três dias e noites. O sinal seria **mergulhar em nossos pecados, separado de Deus, como Jonas profetizou. Jesus pagou por nossos pecados com a morte e sofrimento** e ao terceiro dia ressuscitou.

No entanto, essa forma moderna de interpretar foge completamente ao que os discípulos entenderam, não é o que a

igreja no primeiro século entendia, pois Paulo, Pedro e os demais apóstolos sempre pregavam e enfatizavam a questão de ressuscitar ao terceiro dia e a tumba sempre fica à mostra ou subentendida. Por conseguinte, embora seja verdade que Cristo já começara a sofrer pelos nossos pecados no Getsêmani, isso nada comprova que Mateus 12.40 estivesse se referindo a isso; pelo contrário, a referência é nítida e clara: os três dias e três noites, ou o ressuscitar ao terceiro dia significa única e exclusivamente ao fato de Cristo ser sepultado e soerguido dentre os mortos.

Em conclusão, ficam descartadas a primeira e a última forma de interpretar a questão, havendo total segurança para o verdadeiro sentido do texto que é a interpretação dada desde o início da cristandade. Não devemos acatar uma teoria simplesmente por estar na tradição antiga, mas neste caso, está muito bem comprovado o fato de que Cristo morreu mesmo na sexta-feira e ressuscitou no domingo bem cedo, usando a contagem do tempo inclusivo, como era extremamente comum e natural naquela época.

11.

A BLASFÊMIA CONTRA O ESPÍRITO SANTO



Pouquíssimos tópicos bíblicos geram mais discussão do que a blasfêmia contra o Espírito Santo. Todos parecem saber que esse pecado é imperdoável, mas as opiniões diferem amplamente quanto ao que ele é. Alguns dizem que é o suicídio, outros que é o adultério, e ainda outros pensam que se refere à rejeição do evangelho depois que o Espírito Santo veio no dia de Pentecostes. Quase ninguém se detém para examinar os contextos das referências à blasfêmia contra o Espírito Santo. Como acontece com todos os outros assuntos, a análise disciplinada e cuidadosa do texto esclarece a confusão. Infelizmente, muitas pessoas religiosas desenvolveram o hábito de resolver os assuntos sem nem mesmo olhar para o texto, muito menos estudá-lo atentamente.

Os textos relevantes são encontrados nos três primeiros evangelhos. Em Mateus 12, as afirmações de Jesus sobre blasfemar contra o Espírito Santo ocorreram quando ele curou um homem cuja possessão pelo demônio o havia feito cego e mudo. Em Marcos 3, a cura não é mencionada, mas a maioria do que

Jesus disse na ocasião o é. Lucas registra a cura no capítulo 11 e menciona a blasfêmia contra o Espírito Santo em 12:10. O termo BLASFÊMIA significa injuriar, caluniar, vituperar, difamar, falar mal. Conforme a popularidade de Jesus crescia, seus inimigos procuravam, desesperadamente, meios para explicar seus maravilhosos poderes. Finalmente, decidiram alegar que ele expulsava demônios pelo poder do próprio Satanás.

Devem ser notadas três coisas no relato de Mateus. **Primeiro:** Jesus curou um homem que era cego e mudo. Há simplicidade impressionante no modo como Mateus registrou o milagre: ele simplesmente disse que o homem falou e viu. **Segundo:** a multidão viu o que Jesus fez e começou a concluir que ele poderia ser o Filho de Davi; isto é, o Messias. **Terceiro:** os fariseus ouviram o que o povo estava dizendo e decidiram que eles tinham que descobrir algum plano radical para calar a influência de Jesus. Eles o acusaram de expelir demônios pelo poder de Satanás. Eles estavam tentando neutralizar o efeito dos milagres de Jesus e impedir os outros de crerem nele. Esta era uma manobra brilhante por parte dos inimigos de Jesus porque não somente explicava suas grandes obras, mas lançava uma sombra de suspeita sobre ele. Era imperativo que ele respondesse convincentemente à acusação deles.

Em sua defesa, Jesus respondeu com três pontos. **Primeiro,** ele mostrou que era ilógico pensar que Satanás estava lutando consigo mesmo. É difícil imaginar que o diabo pudesse ser tão tolo! Poucos procuram ferir a si mesmos, e aqueles que o fazem provavelmente não sobreviverão por muito tempo. Se, de fato, o diabo tivesse começado a atacar a si mesmo e aos seus próprios servos, então todos poderiam deixar de se preocupar com ele, porque seu reino logo desapareceria. **Segundo,** Jesus questionou os fariseus sobre os outros que estavam expelindo demônios. Ele estava, provavelmente, se referindo às pessoas a quem

ele tinha dado o poder de expelir demônios (Mateus 10.1; Lucas 9.49-50; 10.1,17). Muitos destes eram, provavelmente, filhos dos próprios fariseus. Conquanto eles pudessem levianamente acusar Jesus de expelir demônios em aliança com o diabo, certamente eles não estariam querendo dizer o mesmo de seus próprios filhos.

Finalmente, Jesus mostrou como sua expulsão de demônios era parte do programa do reino. A missão de Jesus era tirar pessoas do domínio de Satanás. Antes de Ele vir, Satanás podia, por causa do pecado, declarar que todos os homens eram sua propriedade. Jesus veio para perdoar os pecados e assim “roubar” do diabo aquelas almas que ele tinha considerado como suas possessões. Para poder roubar a casa de um valente, contudo, precisa-se primeiro amarrá-lo, antes de tirar seus bens. Isto é o que Jesus estava fazendo ao expelir demônios. Ele estava amarrando Satanás para que ele pudesse tomar as almas que tinham estado sob o controle do diabo. Este era um conflito entre dois reinos. Jesus, libertando os homens do domínio demoníaco, estava demonstrando que sua soberania era superior à de Satanás.

Em seguida Jesus faz uma advertência sobre a necessidade de decidir em que lado se deve estar. A guerra torna a neutralidade impossível. Temos que servir a Jesus ou a Satanás. Portanto, Jesus também avisou sobre o perigo de blasfemar contra o Espírito Santo. Sabemos que Jesus expelia demônios pelo poder do Espírito Santo. Então, quando eles o estavam acusando de expelir demônios por Belzebu, o rei dos demônios, eles estavam blasfemando contra o Espírito Santo, o verdadeiro poder através do qual estas grandes coisas estavam sendo executadas. Eles não somente testemunharam a forma humana de Jesus, mas viram a demonstração do Espírito Santo. Pode ter sido perdoável terem deixado de reconhecê-lo como um homem, mas desde

que Deus tinha posto seu Espírito dentro dele (Mateus 12.18), eles não tinham desculpa.

Liguemos estas afirmações sobre o perigo de blasfemar contra o Espírito Santo, com o próximo ponto que Jesus afirmou: *“Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore. Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração. O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más. Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo; porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado”* (Mateus 12.33-37). Jesus estava mostrando, conseqüentemente, que o problema da blasfêmia é muito mais sério do que meras palavras por si mesmas. O que dizemos revela o que somos. Se alguém examina o conteúdo do balde de água, sabe o que está no fundo do poço. Se alguém examina as palavras que são faladas, sabe o que está no coração. Palavras são sinais de caráter. E isto não é verdade somente quanto a palavras de blasfêmia, é verdadeiro também quanto a palavras de confissão.

Quando os acusadores de Jesus o acusaram de expelir demônios pelo diabo, mostraram uma profunda dureza de coração. Assim como o homem *falou* e *viu*, assim os inimigos *viram* o Espírito expelir demônios e *falaram* contra ele. Estavam tão empedernidos contra a verdade que podiam realmente testemunhar os maravilhosos milagres e santidade de Jesus e, ainda assim, acusá-lo, sem hesitar, de estar aliado ao diabo. Eles estavam extremamente cegos e corrompidos. Enquanto outras blasfêmias podiam ser perdoadas, a blasfêmia deles contra Jesus demonstrava um grau de dureza espiritual que poderia tornar impossível para eles o arrependem-se. O problema aqui é o problema deles, não de Deus. Deus tem capacidade ilimitada

para perdoar a qualquer que o busque, mas estas pessoas não tinham coração para buscá-lo. Portanto, eles nunca seriam perdoados.

O que seria este pecado imperdoável? Muitos trechos ensinam que é possível ir tão longe de Deus que não se pode retornar. O autor do livro a Timóteo adverte sobre consciências insensíveis (1 Tm 4.2). O escritor de Hebreus fala de corações endurecidos (Capítulo 3) e daqueles que não podem ser trazidos de volta ao arrependimento (Capítulo 6). João fala daqueles cujos pecados levam à morte, uma vez que eles se recusam a se arrependerem e a confessá-los (1 Jo 5.16-17). O próprio Jesus fala do solo que foi pisoteado e compactado ao ponto em que nenhuma semente pode germinar (Lc 8.5). Cada passo que damos afastando-nos de Deus aproxima-nos do ponto sem retorno. Podemos perder o poder moral para mudar e voltar ao Senhor.

Verifica-se que o problema, naturalmente, não está na vontade de Deus de perdoar o pecador (Lc 15; 2 Pe 3.9). Deus alegremente aceita e perdoa a todos que se arrependem. O problema está em que alguns rejeitam cada tentativa de Deus para motivar o arrependimento. Depois que Jesus deixou a terra, o Espírito Santo veio para revelar a mensagem final da salvação. Para aqueles que a recusam e se voltam contra o Espírito Santo, Deus não tem nenhum outro plano. Não há outro sacrifício pelo pecado (Hebreus 10.26-31). Aqueles cujo estado endurecido faz com que recusem o rogo final de Deus, nunca serão perdoados. Esta seria a blasfêmia contra o Espírito Santo.

Pecar deliberada e de forma rebelde contra um conhecimento claro da verdade é evidentemente uma blasfêmia contra o Espírito Santo, e por natureza, este pecado faz com que o perdão seja impossível, porque a única luz possível é deliberada-

mente apagada. Aquele que cometeu este pecado nunca terá perdão. Toda a igreja pode orar por ele, mas ele nunca será salvo (1 Jo 5.16). De fato, a igreja nem deveria orar por ele (1 Jo 5.16). Segundo Jesus “é réu de juízo eterno” (Mc 3.29). Segundo Judas 4.12,13 “estão perdidos para sempre.” De acordo com 2 Tm 3.8 “são réprobos quanto à fé.”

Os fariseus viram o milagre e atribuíram a obra de Deus ao diabo. A pessoa não está na ignorância. Ela escolhe rejeitar a Deus e chamar Deus de diabo. Não há nada mais que se possa fazer por tal pessoa.

Este pecado fala do profundo perigo de atribuir as coisas boas de Deus a um ato de Satanás. Este pecado é cometido quando uma pessoa reconhece a missão de Jesus pelo Espírito Santo, mas a desafia, a amaldiçoa e a resiste.

Os fariseus cometeram este pecado quando afirmaram contra todas as evidências que Cristo era um agente de Satanás. Era uma declaração perversa de que as obras de Cristo eram do diabo. Eles pecaram contra a luz na forma mais determinada. Amaram mais as trevas (Jo 3.19). Chamaram a luz de trevas (Is 5.20). É impossível porque se alguém não pode reconhecer o bem quando o vê, não pode desejar o bem. Se alguém não reconhece que o mal é mal, não pode se arrepender dele e abandoná-lo. E se não pode arrepender-se não pode ser perdoado, porque o arrependimento é a única condição necessária para o perdão. Esta acusação contra Jesus revela quem os fariseus eram: árvore má, fruto mau e raça de víboras; consequentemente hão de dar conta no dia do juízo.

Muitas pessoas têm sofrido por acharem que cometeram o chamado “pecado contra o Espírito Santo” e na maioria das vezes sem razão. Este pecado consiste em si, em atribuir, deliberada e continuamente a Satanás, uma obra que é reconhecida-

mente do Espírito Santo. Precisamos entender que só quem conhece bem as Escrituras ou já teve alguma forma de experiência pessoal com o Senhor Jesus na pessoa do Espírito Santo é que pode realmente pecar contra Ele. Ou seja, a pessoa só pode pecar contra Ele conscientemente e de forma premeditada. Não se blasfema contra o Espírito Santo quando se adultera, ou rouba, ou mata, ou se comete suicídio. Nem se comete a blasfêmia pelo fato de rejeitar a Jesus como Senhor. Comete o pecado imperdoável quem conhece muito bem sua essência, seus ensinamentos, seu poder e mantém uma rebeldia em um grau imponderável, rechaçando-o e negando seus atributos e atuação, mantendo-se inteiramente obstinado contra ele. Portanto só o fato de uma pessoa estar preocupada se pecou ou não contra o Espírito, já demonstra que ela não cometeu tal pecado.

Ter dúvidas quanto à legitimidade de uma manifestação supostamente do Espírito Santo, pelo fato de não reconhecermos uma base bíblica para tal ou não percebermos a presença de Deus no momento, não é o pecado contra o Espírito, mas sim precaução, como também mostra o Apóstolo João: “Amados, não creiais a todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.” (1 Jo 4.1). Na verdade, de acordo com o que vimos acima, o caminho para o pecado contra o Espírito não é impossível, mas é demasiadamente longo. Enfim, é uma situação complexa, mas não impossível, embora Deus nos ame tanto que tornou o pecado contra o Espírito Santo quase que inatingível.

Precisa-se deixar bem claro o que não é a blasfêmia contra o Espírito Santo, pois há algumas interpretações pouco plausíveis dadas por alguns teólogos e pregadores:

1. Incredulidade final: Billy Graham em seu livro ESPÍRITO SANTO diz que a blasfêmia contra o Espírito Santo é per-

manecer incrédulo até à morte. Irineu também tinha esse ponto de vista. Contudo o contexto de Mateus 12 mostra que Jesus falava para os fariseus que não estavam na hora da morte; além do mais, isso já está mais do que claro em toda a Escritura. É verdade que quem morre na incredulidade está perdido, mas não é este o pecado chamado blasfêmia contra o Espírito Santo, pois este é um pecado específico usado em um determinado contexto contra os fariseus.

2. Rechaçar por um tempo a graça de Deus: Saulo de Tarso rechaçou a Cristo por um bom período de tempo (At 26.9; 1 Tm 1.13). Os irmãos de Jesus também o rechaçaram e o conheciam muito bem (Mc 3.21; Jo 7.5). E eles se arrependeram, foram salvos e grandes personalidades usadas por Deus.

3. Negar a Cristo e a sua divindade por um período: Esse era o pensamento de Atanásio. No entanto, Pedro negou a Cristo. Paulo negava a divindade de Cristo. Ambos depois mudaram sua postura em relação a Ele.

4. Negar a divindade do Espírito Santo: Se assim fosse nenhum Testemunha de Jeová ou Mórmon poderia se converter e se tornar um cristão verdadeiro.

5. Entristecer o Espírito Santo: O cristão não comete este pecado imperdoável quando entristece o Espírito Santo, pois ele não pode perder a salvação. Davi entristeceu o Espírito Santo e era salvo.

Há ainda aqueles que interpretam o tema asseverando que a blasfêmia contra o Espírito Santo era um pecado que só se poderia cometer quando Jesus estava em carne, pois não se pode dizer que ele está endemoninhado hoje, pois não está mais na terra. Alegam que o único pecado imperdoável é a rejeição a Cristo e que qualquer pessoa que se arrepende de qualquer coisa

que faz obtém o perdão de Deus. Entretanto, o termo blasfêmia pode ser geralmente definido como “irreverência desafiante”. Aplicaríamos o termo a pecados como amaldiçoar a Deus, ou, propositadamente, degradar coisas relativas a Deus. Também o é atribuir mal a Deus, ou negar atribuir-lhe algum bem devido. Este caso de blasfêmia, entretanto, é específico, chamado de “A Blasfêmia contra o Espírito Santo” nos Evangelhos Sinóticos.

Os Fariseus, tendo testemunhado provas irrefutáveis que Jesus fazia milagres no poder do Espírito Santo, afirmaram que, ao contrário, o Senhor estava possuído pelo demônio “Belzebu” (Mateus 12:24). Embora em Marcos 3.30 Jesus seja muito específico a respeito do que exatamente eles fizeram para cometer a “blasfêmia contra o Espírito Santo”, há outras maneiras de blasfemar contra o Espírito Santo, e todas elas são imperdoáveis. Como resultado, a blasfêmia contra o Espírito Santo pode acontecer hoje.

Obviamente Jesus Cristo não está sobre a terra, mas assentado ao lado direito de Deus. Ninguém pode testemunhar que Jesus Cristo esteja fazendo um milagre e atribuir este poder a Satanás ao invés do Espírito. Mas o poder do Espírito que agia através de Jesus no passado atua na Igreja hoje através de seus discípulos. Se assim não fosse, os demais textos do Novo Testamento aqui estudados, não seriam claros a ponto de continuar a falar sobre o pecado imperdoável. O Espírito continuou a agir poderosamente depois que Cristo foi assunto ao céu. Ele revestiu a Igreja em Pentecoste e inspirou os apóstolos para registrarem o Novo Testamento. O Espírito continua a agir no meio da igreja, iluminando e revestindo-a da presença do Senhor. Uma pessoa pode cometer alguns pecados contra o Espírito: mentir, apagar, entristecer e até rejeitar, mas há um que é terrível, aliás, o mais terrível pecado que um homem pode cometer na terra, que é exatamente a blasfêmia contra o Espírito Santo.

Em suma, embora não seja cristão quem blasfema contra o Espírito Santo (os fariseus não eram cristãos nem confiavam em Cristo), o blasfemo é alguém com quem o Espírito Santo trata. Hebreus 6.4-6 o descreve de seis formas:

1. Iluminado: Esta metáfora descreve CONHECIMENTO. O que comete o pecado imperdoável é aquele que recebeu conhecimento da verdade (Hb 10.26). Exemplos: Jesus havia realizado o grande milagre perto dos fariseus. A divindade de Cristo era tão notória que todos ficaram admirados (Mt 12.23). Esse conhecimento era a iluminação que receberam os fariseus que blasfemaram contra o Espírito Santo. Judas Iscariotes – tinha todo o conhecimento de Jesus e o renunciou.

2. Provaram o dom celestial: O dom aqui é a vida e a obra de Cristo. A vida de Cristo é celestial. As pessoas culpadas pelo pecado imperdoável haviam visto Jesus, estado com Jesus, conhecido a Jesus. Havia visto Jesus operar maravilhas e haviam escutado seus ensinamentos. Este conhecimento fez mais grave o seu pecado.

3. Tornaram-se participantes do Espírito Santo: Isso não significa que eram moradas do Espírito Santo, de maneira que estivessem misticamente unidos a Cristo como estão os ramos à videira. Significa participação na obra e influência do Espírito Santo. O Espírito Santo atuou em formas milagrosas e proféticas inclusive por meio de não cristãos. Os não regenerados Balaão, Saul e Judas são exemplos de homens em quem o Espírito Santo atuou. Jesus indicou que os não cristãos participam do Espírito Santo neste sentido (Mt 7.22).

4. Provaram a boa Palavra de Deus: A pessoa que comete o pecado imperdoável tem provado a Boa Palavra de Deus. O vital neste caso é a palavra BOA. Essa pessoa vê que a Palavra é BOA. Exemplo:

A) É como a semente que caiu no meio dos espinhos – logo a recebe com alegria (Mc 4.16,17). Herodes escutou com gosto a João Batista (Mc 6.20) e, todavia rejeitou a mensagem de Cristo. Percebe que é bom, mas a rejeita.

5. Provaram os poderes do mundo vindouro: A palavra “poderes” se emprega em Hebreus 2.4 em relação aos milagres e certamente este é o significado aqui. É a pessoa que já viu os sinais de Jesus como os fariseus viram, mas não se deixaram mover.

6. Caíram: Apesar deste conhecimento e experiências tão claras, os blasfemos renunciaram a Cristo. Não com dúvida usual nem com uma incredulidade ordinária. Não contra a sua vontade como Paulo em Romanos 7, nem com tristeza e choro como Pedro, senão voluntariamente, deliberadamente (Hb 10.26).

Por isso, a blasfêmia contra o Espírito Santo não é uma grave falha moral, nem uma persistência no pecado; não é um ato de ofender ou rejeitar a Jesus devido à ignorância ou rebelião temporária. É a rejeição deliberada e consciente da atividade de Deus pelo Espírito Santo e a atribuição desta atividade ao diabo. É dizer que Cristo é agente de Satanás, é aliado do diabo. É um estado de apostasia total. Não é um pecado de ignorância. Não é por falta de luz. É uma inversão diabólica, fria e insensível.

E por que os blasfemos contra o Espírito Santo não podem ser perdoados? Elenco aqui algumas razões a partir do contexto dos Evangelhos Sinóticos e de outros textos neotestamentários:

- 1) Porque eles dizem que Jesus é ministro de Satanás.
- 2) Porque eles dizem que a força de Jesus não é o Espírito Santo, mas o diabo.

3) Porque eles pecam deliberadamente e progressivamente em vez de se arrependem.

4) Porque rejeitam o Espírito Santo e a Cristo dizendo que são instrumentos do diabo.

Os pecados mais horrendos são perdoados: feitiçaria, assassinato, homossexualismo, adultério, prostituição. Mas esse pecado não tem perdão. Quem peca desta maneira atravessa a linha da oportunidade e torna-se irredimível. O endurecimento é tão avassalador que o seu coração fica inquebrantável, sendo impossível o arrependimento. Deus entrega essa pessoa a uma disposição mental reprovável. Não tem mais jeito, nada podemos mais fazer, não há oração que dê jeito. Só resta o juízo final.

Diante disto três atitudes existem a serem evitadas:

1. Julgamento: Não podemos em hipótese alguma saber com certeza quem cruzou esta linha divisória da paciência de Deus. Essa decisão não nos pertence. Somente Deus sabe.

2. Desespero: Muitos cristãos ficam angustiados e preocupados achando terem cometido tal pecado. O fato é que quem comete este pecado jamais tem um pinga de temor ou tremor diante de Deus. Não sentirão tristeza jamais, estão com os corações totalmente endurecidos, empedernidos.

3. Leviandade: Qualquer pessoa que nasceu de novo não cometerá esse pecado, porque o Espírito Santo que vive nele é Deus, e Deus não está dividido contra si mesmo. Embora o verdadeiro cristão jamais venha a cometer tal delito, ele deve se cuidar para não cometer diversos outros pecados, pois pecado sempre é pecado e traz a ira de Deus sobre aqueles que os cometem.

Conclusão

Verifica-se que os Evangelhos Sinóticos possuem uma riqueza indizível, insofismável e indelével por descrever o ministério, a pregação, os ensinamentos e os milagres de Jesus Cristo, o enviado de Deus para redimir a humanidade. No entanto, verificou-se através deste livro que há muitos aspectos de difícil entendimento; muita loucura e elucubração sem fundamento têm sido formadas com o passar do tempo. Muitas explicações se tornaram tão famosas que várias pessoas não admitem uma interpretação diferente, mesmo que a interpretação dele não tenha fundamento plausível.

O leitor da Bíblia deve possuir uma mente aberta e pronta para receber informações novas e submetê-las a considerações ponderadas para confirmar ou não a sua veracidade. Muitas polêmicas sobre diversos temas foram abordadas neste livro. O objetivo não foi polemizar ainda mais, mas tratar com coerência, dentro da plausibilidade e das possibilidades existentes, a fim de apresentar a melhor resposta para o texto e a questão em debate. Ninguém é obrigado a concordar com o autor, mas todos são convidados a debater com ele.

No mundo presente é preciso que o estudante da Bíblia seja cada vez mais bem preparado. Para tanto, ele precisa de subsídios que venham a enriquecer o seu cabedal de informações para que possa realizar eficazmente a sua nobre tarefa que é ajudar no crescimento do Reino de Deus. As Igrejas estão cada

vez mais exigentes em termos de expectativas. Com isso, o ministro precisa ser um bom pregador e um bom conhecedor da Bíblia. O cristão precisa se aprofundar cada vez mais no conhecimento e no entendimento das Escrituras, trazendo enriquecimento às pessoas que estão a sua volta.

Com o alto crescimento do número de evangélicos no Brasil e o surgimento cada vez maior de novas igrejas, muitos se tornam pastores e ministros com muita rapidez, devido à necessidade do momento. Tais pessoas não tiveram tempo suficiente para analisar os textos bíblicos, e muito menos os textos polêmicos das Escrituras. Assim sendo, orienta-se a todos que tenham a capacidade de estudar cada vez mais, se aprofundando no conhecimento bíblico, para que possam edificar-se e realizar um profícuo ministério.

Minha oração é que Deus abra a visão dos cristãos e dos líderes para que juntos, possamos realizar um ministério eficiente e eficaz, com a visão celestial dada por Deus, a fim de que o Reino de Deus cresça sadio e uniforme; e, que muitas vidas sejam orientadas num caminho melhor. Que Deus dê pastores e ministros religiosos que sejam sábios, que sejam inteligentes, homens e mulheres de visão, com tremenda capacidade de pastoreio e com um profundo conhecimento das Sagradas Escrituras. Quanto mais os discípulos de Cristo forem hábeis em todo o seu proceder, muito mais crescimento sadio encontraremos na Igreja de Cristo Jesus.

Você acabou de ler *"Como entender os textos mais polêmicos da Bíblia"*. Muito obrigado!

É um grande privilégio para nós!

Se desejar entrar em contato com o autor ou maiores informações sobre o assunto, basta enviar um e-mail para:

comoentenderostextosmaispolemicosdabiblia@adsantos.com.br

Bibliografia

- CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. *Introdução ao novo testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- CHAMPLIN, R. N. *O novo testamento interpretado*. São Paulo: Candeia, 2005. vol. 1.
- DATLER, F. *Sinopse dos 4 Evangelhos*. São Paulo: Paulinas, 1986;
- DODD, C. H. *The apostolic preaching and its developments*. London: Searching Plublications, 1991.
- HENDRICKSEN, W. *Mateus – vol. I e II*. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2001.
- _____. *Lucas – vol. I e II*. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2003.
- MIRANDA, O.A. *Estudos nos evangelhos sinóticos*. Ed. Presbiteriana: 1999.
- MORRIS, L. L. *Lucas: Introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.
- MULHOLLAND, D. M. *Marcos: Introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.
- POHL, A. *O evangelho de Marcos*. Curitiba: Ed. Esperança, 1998.
- RIENECKER, F. *O evangelho de Mateus*. Curitiba: Ed. Esperança, 1998.
- RYLE, J. C. *Meditações no evangelho de Marcos*. S. J. Campos: Fiel, 2004.
- TASKER, C. P. *Testemunha ocular de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago Dei, 1996.

Como entender
os textos mais polêmicos
da **Bíblia**
EVANGELHOS SINÓTICOS

Quando lemos alguns textos polêmicos na Bíblia percebemos que muitas explicações se tornaram tão famosas que várias pessoas não admitem uma interpretação diferente, mesmo que a interpretação conhecida não tenha fundamento plausível.

Em um mundo onde a informação se atualiza a cada segundo, precisamos estar cada vez mais bem preparados. Necessitamos de subsídios para nosso enriquecimento e para apresentarmos a melhor resposta para o texto e a questão em debate.

- *A ESTRELA DE BELÉM: QUE ASTRO ERA ESSE?*
- *POR QUE JESUS TRATOU A ESTRANGEIRA COMO UM CACHORRO?*
- *JESUS CONSEGUIU CURAR O CEGO SÓ EM ETAPAS?*
- *QUE GALO CANTOU ANTES DE PEDRO NEGAR A JESUS SE NÃO HAVIA GALINHEIRO EM JERUSALÉM?*
- *COMO EXPLICAR TRÊS DIAS E TRÊS NOITES SE JESUS MORREU NA SEXTA E RESSUSCITOU NO DOMINGO?*

Como entender os textos mais polêmicos da Bíblia – Evangelhos Sinóticos é ousado. É surpreendente. É uma leitura agradável, dinâmica e curiosa. É também resultado de intensa pesquisa.

Ninguém é obrigado a concordar com o autor, mas todos são convidados a debater com ele.



JAZIEL GUERREIRO MARTINS

Formado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, Mestre em Teologia pela Universidade de Birmingham (Inglaterra), Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor em Faculdades Teológicas desde 1987. Leciona nas áreas de Teologia, História, Novo Testamento, Religiões e Seitas. Diretor da Faculdade Teológica Batista do Paraná.

SANTOS
EDITORA
www.adsantos.com.br

